

**FERNANDA OTTATI**



**OTIMISMO, INTERESSES PROFISSIONAIS E  
AUTOEFICÁCIA: ESTUDO COM ADOLESCENTES**

ITATIBA  
2014

**FERNANDA OTTATI**

**OTIMISMO, INTERESSES PROFISSIONAIS E  
AUTOEFICÁCIA: ESTUDO COM ADOLESCENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Área de Concentração - Avaliação Psicológica, para obtenção do título de Doutor.

ORIENTADORA: DRA. ANA PAULA PORTO NORONHA

ITATIBA  
2014

158.6  
O96o Ottati, Fernanda.  
Otimismo, interesses profissionais e autoeficácia :  
estudo com adolescentes / Fernanda Ottati. -- Itatiba, 2014.  
118 p.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São  
Francisco.  
Orientação: Ana Paula Porto Noronha.

1. Avaliação psicológica. 2. Psicologia positiva.  
3. Orientação profissional. 4. Interesse profissional.  
I. Noronha, Ana Paula Porto. II. Título.



**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**EM PSICOLOGIA**

Fernanda Ottati defendeu a tese "OTIMISMO, INTERESSES PROFISSIONAIS E AUTOEFICÁCIA: RELAÇÕES ENTRE INSTRUMENTOS DE MEDIDA" aprovada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 06 de junho de 2014 pela Banca Examinadora constituída por:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Ana Paula Porto Noronha', written over a horizontal line.

Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha  
 Presidente

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Marcelo Afonso Ribeiro', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Selma de Cassia Martinelli', written over a horizontal line.

Prof. Dra. Selma de Cassia Martinelli

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Makilim Nunes Baptista', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cristian Zanon', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Cristian Zanon

## Agradecimentos

Agradeço aos meus Pais, por terem me ensinado uma preciosa lição: “conhecimento nunca é demais”. Certamente isso explica grande parte da minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço a Ana Paula Porto Noronha por mais uma parceria. Obrigada por toda a paciência, compreensão e incentivos presentes em todos os momentos. Não posso deixar de registrar que já chegamos a 14 anos de parceria!!

Agradeço às amigas para toda a vida que o doutorado me deu de presente, Lariana, Luana e Ana Cristina. Lari, não tenho como agradecer por toda ajuda que me deu com a coleta e análise de dados. Obrigada também pelas nossas intermináveis conversas, seja pessoalmente ou virtualmente. Como você sempre diz: “*tamojunto*”. Lu, infelizmente temos nos encontrado e conversado menos nos últimos tempos, mas quando nos encontramos parece que nos vimos no dia anterior. Aninha, pessoa mais otimista e alegre que conheço, é muito bom ter você por perto. O apoio de vocês nos últimos anos foi fundamental para que esse doutorado chegasse ao fim.

Agradeço aos Professores Doutores que participaram da banca de qualificação e defesa, Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro, Profa. Dra. Selma Martinelli, Profa. Dra. Acácia Angeli dos Santos, Prof. Dr. Cristian Zanon e Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista. Obrigada por propiciarem que esses momentos também se tornassem uma oportunidade de imenso aprendizado.

Agradeço a Universidade São Francisco pela concessão da bolsa para realização do Doutorado.

## Resumo

Ottati, F. (2014). *Otimismo, interesses profissionais e autoeficácia: estudo com adolescentes*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

A Orientação Profissional (OP) pode ser considerada uma intervenção profissional que tem como um dos seus objetivos facilitar o processo de escolha profissional bem como possibilitar que o indivíduo possa pensar amplamente no seu projeto de vida. O uso da avaliação psicológica nas intervenções em OP é prática recorrente desde os primeiros modelos desenvolvidos na área e avaliação dos interesses profissionais se destaca desde então. De forma ampla os interesses profissionais podem ser entendidos como padrões de preferências, rejeições e indiferenças a respeito de ocupações e atividades relacionadas à carreira. A autoeficácia para escolha profissional é definida como a confiança dos indivíduos para se engajar em tarefas de decisão profissional e de acordo com a Teoria Social Cognitiva de Desenvolvimento de Carreira, é um elemento fundamental na formação dos interesses profissionais. A partir da concepção de que os indivíduos podem ser auxiliados no processo de decisões profissionais e desenvolvimento do seu projeto de vida, pode-se entender a OP como uma prática propiciadora de bem-estar e, de forma geral, de saúde, o que sugere aproximação com a Psicologia Positiva, cujo pressuposto básico é o de que cabe à Psicologia não apenas reparar o que está ‘errado’, mas identificar e fortalecer o que está ‘bom’. Entre os construtos utilizados pela psicologia positiva está o otimismo disposicional, compreendido como uma tendência estável das pessoas acreditarem que coisas boas acontecerão com elas, em vez de coisas ruins. Desta forma os objetivos da pesquisa foram avaliar as diferenças entre otimismo disposicional, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional em relação às variáveis série e sexo; verificar a associação entre os construtos e a contribuição do otimismo disposicional na percepção da autoeficácia para escolha profissional e na formação dos interesses e, por fim, analisar a estrutura fatorial do LOT-R. Foram participantes 183 alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais, do 9º ano do ensino fundamental (51,4% ) e do 3º ano do ensino médio (48,6%), com idade entre 13 a 19 anos ( $M=15,77$ ;  $DP=1,74$ ) e em sua maioria (52,5%) mulheres. Foram utilizados os instrumentos Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) e *Revised Life Orientation Test*- LOT-R. Os resultados indicaram que nas variáveis sexo e idade, foram encontradas poucas diferenças significativas apenas nos interesses profissionais. Relações entre otimismo e autoavaliação, coleta de informações e busca de informações e com as dimensões ciências exatas, ciências agrárias e ambientais e atividades burocráticas, foram reveladas. A análise de regressão indicou a contribuição do otimismo sobre a autoeficácia para escolha profissional e na formação dos interesses em ciências Exatas, ciências agrárias e ambientais e atividades burocráticas. A análise fatorial confirmatória do LOT-R indicou que o instrumento se configura como uma medida bifatorial (otimismo e pessimismo). De forma geral, os resultados revelam que a avaliação do otimismo pode ser uma opção nos processos de OP, para que o psicólogo tenha um entendimento mais global do indivíduo. A respeito da autoeficácia para escolha profissional se considera a necessidade de novas investigações para melhor compreensão da sua influência na formação dos interesses profissionais, tal como postulado teoricamente.

**Palavras-chave:** avaliação psicológica, psicologia positiva, orientação profissional.

## Abstract

Ottati, F. (2014). *Optimism, professional interests and self-efficacy: study with adolescents*. Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Itatiba, São Paulo.

The Vocational Guidance can be considered a professional intervention that has as one of its objectives to facilitate the process of career choice and to enable the individual to think more broadly in their life project. The use of psychological assessment in interventions in Vocational Guidance is common practice since the first models developed in the area of assessment and professional interests stands out ever since. In a broad way the professional interests can be understood as patterns of preference, indifference and rejection about occupations and career-related activities. Self-efficacy for career choice is defined as individuals' confidence to engage in tasks of professional decision. According to Social Cognitive Career Theory, self-efficacy is a key element in the formation of professional interests because people tend to become interested in activities which believes it can perform and do it well. Since the conception that individuals can be guided towards professional making process and development of their design life; Vocational Guidance is understood as a practice of promoting well-being and, in general, health, suggesting approach to Positive Psychology, whose basic assumption is that the Psychology is concerned not only fix what is 'wrong', but to identify and strengthen what is 'good'. Between the constructs used for positive psychology is dispositional optimism, comprehended as a stable tendency of people to believe that good things will happen to them, instead of bad things. Therefore the research objectives were to evaluate the differences between dispositional optimism, professional interests and self-efficacy to professional choice in relation to variables grade and sex; to verify the association between the constructs and the contribution of dispositional optimism in the perception of self-efficacy to professional choice and in the formation of interests, and, at last, to analyze the factor structure of the LOT-R. Participants were 183 students from a public school in the state of Minas Gerais, from the 9th year of fundamental (51.4%) and the 3rd year of high school (48.6%), aged 13 to 19 years ( $M = 15.77$ ,  $SD = 1.74$ ) and in most cases (52.5%) women. The instruments used were the Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) e Revised Life Orientation Test- LOT-R. The results indicated that the variables gender and grade, few significant differences were found only on professional interests. Relations between optimism and self-evaluation, collecting occupational information, and the dimensions of exact sciences, agricultural sciences and environmental dimensions and bureaucratic activities were revealed. Regression analysis indicated the influence of optimism on self-efficacy to professional choice and also on the formation of interests in exact sciences, agricultural and environmental sciences and bureaucratic activities. Confirmatory factor analysis of the LOT-R indicated that the instrument is configured as a two-factor measure (optimism and pessimism). Overall, the results show that the evaluation of the optimism may be an option in the process of vocational guidance, for the psychologist to have a more global understanding of the individual. Regarding self-efficacy to professional choice considering the need for further research to better understand their influence in the formation of professional interests, as postulated theoretically.

**Keywords:** psychological assessment, positive psychology, career counseling

## Resumen

Ottati, F. (2014). *El optimismo, la autoeficacia y los intereses profesionales: estudio con adolescentes*. Tesis Doctoral, Programa de Estudios de Posgrado en Psicología, Universidad San Francisco, Itatiba, São Paulo.

La Orientación Profesional se puede considerar una intervención profesional que tiene como uno de sus objetivos facilitar el proceso de elección de carrera y para que la persona pueda pensar más ampliamente en su proyecto de vida. El uso de la evaluación psicológica en las intervenciones en OP es una práctica común desde los primeros modelos desarrollados en el ámbito de la evaluación y de los intereses profesionales se destaca desde entonces. En términos de los intereses profesionales pueden entenderse como patrones de preferencia, la indiferencia y el rechazo sobre las ocupaciones y actividades relacionados con la carrera. La autoeficacia para la elección de carrera se define como la confianza de los individuos de participar en tareas de decisión profesional. De acuerdo con la Teoría Social Cognitiva del Desarrollo Profesional, la autoeficacia es un elemento clave en la formación de los intereses profesionales, ya que la gente tiende a tomar un interés en actividades que cree que puede realizar y funcionar bien. A partir del concepto de que las personas pueden recibir ayuda para hacer que el desarrollo profesional de su proyecto y el proceso de la vida, uno puede entender la OP como una práctica propiciatoria de bienestar y, en general, la salud, lo que sugiere aproximación a la Psicología Positiva, cuya asunción básica es que no es sólo la reparación de Psicología lo que es "equivocado", sino identificar y reforzar lo que es "bueno". Entre las construcciones utilizadas para la psicología positiva es el optimismo disposicional, entendido como una tendencia estable de la gente a creer que las cosas buenas suceden a ellos, en lugar de las cosas malas. Por lo tanto los objetivos de la investigación fueron evaluar las diferencias entre optimismo disposicional, la autoeficacia y los intereses de carrera a la elección de carrera en relación con las variables grado y sexo; verificar la asociación entre las construcciones y la contribución de optimismo disposicional en la percepción de autoeficacia para la elección de carrera y formación de intereses y, por último, analizar la estructura factorial de la LOT- R. Los participantes fueron 183 estudiantes de una escuela pública en el estado de Minas Gerais, el noveno año de la escuela primaria (51,4 %) y el 3er año de la escuela secundaria (48,6 %) de entre 13 y 19 años ( $M = 15.77$ ,  $SD=1,74$ ) y la mayoría (52,5%) mujeres. Los instrumentos utilizados fueron la Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), la Escala de Autoeficacia para Escolha Profissional (EAE -EP) y el *Revised Life Orientation Test*- LOT-R. Los resultados indicaron que las variables de género y grado, se encontraron pocas diferencias significativas sólo en los intereses profesionales. Relación entre el optimismo y la auto- evaluación, la recopilación de información y la búsqueda de la información y las ciencias exactas, ciencias agrícolas y las dimensiones ambientales y actividades burocráticas fueron revelados. El análisis de regresión indica la contribución del optimismo en la autoeficacia para la elección de carrera y también en la formación de intereses en las ciencias físicas, ciencias agrícolas y ambientales y actividades burocráticas. El análisis factorial confirmatorio de la LOT -R indica que el instrumento está configurado como un de dos factores medida (optimismo y pesimismo). En general, los resultados muestran que la evaluación de la optimismo puede ser una opción en procesos de OP, de modo que el psicólogo tiene una comprensión más completa de la persona. En cuanto a la autoeficacia para la elección de carrera teniendo en cuenta la necesidad de seguir investigando para comprender mejor su influencia en la formación de los intereses profesionales, como postulado teóricamente.

**Palabras clave:** evaluación psicológica, psicología positiva, orientación profesional

## Sumário

LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi.
LISTA DE ANEXOS.....	xii
APRESENTAÇÃO .....	1
INTRODUÇÃO.....	3
REFERÊNCIAS.....	29
ESTUDO 1 .....	39
ESTUDO 2 .....	64
ESTUDO 3.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
ANEXOS.....	106

## Lista de figuras

Figura 1- Estrutura Fatorial do LOT-R .....	96
---	----

## Lista de tabelas

### Estudo 1

Tabela 1 – Diferença de média em relação ao sexo.....52

Tabela 2 – Diferença de média em relação a série cursada.....54

### Estudo 2

Tabela 1 – Correlação de Pearson entre LOT-R, EAEPP e EAP.....74

Tabela 2 – Análise de regressão *stepwise* entre otimismo e autoeficácia para escolhas ocupacionais .....75

Tabela 3 – Análise de regressão *stepwise* entre otimismo e autoeficácia para escolhas ocupacionais.....76

Tabela 4 - Análise de regressão *stepwise* entre autoeficácia e interesses.....77

### Estudo 3

Tabela 1 – Comparação de dois modelos fatoriais do LOT-R.....95

## Lista de anexos

Anexo 1- LOT-R.....	107
---------------------	-----

## **Apresentação**

A presente tese foi desenvolvida com o propósito de aproximar duas grandes áreas da ciência psicológica: Orientação Profissional e Psicologia Positiva. A primeira já é consolidada em termos teóricos e metodológicos, e tem o reconhecimento público sobre a sua utilidade para a sociedade. Desde o surgimento da psicologia como ciência e profissão há inserções da prática da orientação profissional, embora seja possível perceber pouco avanço teórico e científico na realidade brasileira, quando se compara com outros contextos. Toda prática, mesmo que consolidada, deve manter a preocupação com seus métodos, técnicas e teorias e, especialmente nessa área, da orientação profissional, deve-se destacar também a importância de acompanhar a evolução dos aspectos econômicos, culturais e sociais, e incorporar essas informações nas práticas. Atualmente a discussão está voltada para a preparação do indivíduo para entrar e se manter no mercado de trabalho, visto que esta é uma condição fundamental para a sua sobrevivência.

A segunda área estudada presentemente, a Psicologia Positiva, tem uma história mais recente na psicologia, e surge como uma proposta desafiadora, a de fazer a psicologia olhar também para os aspectos positivos dos indivíduos, em vez de focar somente nas patologias e problemas. Incorporar essa nova perspectiva nas práticas psicológicas, ou pelo menos nas investigações científicas, parece estar funcionando bem em alguns países, especialmente Estados Unidos. No contexto brasileiro o interesse pela área e a produção de pesquisas científicas têm sido notados bem mais recentemente.

Orientação Profissional e Psicologia Positiva dispõem de instrumentos específicos que podem auxiliar os psicólogos em suas práticas. Como em todas as áreas, evidencia-se a necessidade de estudos para verificação das qualidades dos instrumentos, para que efetivamente possam ser incorporados às práticas profissionais. Nesse sentido, o presente

estudo usou três instrumentos psicológicos que avaliam um construto da Psicologia Positiva, o otimismo disposicional e dois da Orientação Profissional, quais sejam, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional. A escolha desses construtos e instrumentos apóia-se na hipótese da aproximação teórica possível entre eles.

A tese está organizada da seguinte forma, Introdução em que são apresentadas as duas áreas e os principais conceitos envolvidos. Os dados foram organizados em três estudos distintos, apresentados em formato de artigo científico. O primeiro estudo intitulado “Otimismo, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional: diferenças de sexo e série escolar”, objetiva investigar as diferenças nas três avaliações em relação às variáveis sexo e série cursada. O segundo estudo “Relações entre otimismo, autoeficácia para escolha profissional e interesses profissionais” analisa as influências entre os construtos e, o terceiro artigo com o título “Estrutura fatorial do *Life Orientation Test-Revised* (LOT-R)” traz uma análise psicométrica do instrumento que mede o otimismo disposicional. Por fim, fazendo o fechamento do trabalho, indicando os principais resultados, alcances e limitações do estudo, estão as Considerações Finais.

## INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser caracterizada como um dos marcos fundamental no processo de desenvolvimento humano, na qual a formação da identidade está acontecendo (Erikson,1976; Levisky, 1998). A partir de uma análise crítica de publicações em psicologia, Bock (2004) considera que a adolescência refere-se a um conceito constituído a partir da sociedade capitalista. Isso significa dizer que as influências de questões relacionadas a mercado de trabalho, preparo técnico para exercer atividades, bem como o período escolar, são fundamentais para o desenvolvimento do conceito de adolescência. Para a autora, mesmo os jovens possuindo condições cognitivas, afetivas e fisiológicas para participar do mundo adulto, estão desautorizados a isso, ficando num momento de espera para esse ingresso, o que os distanciam do mundo do trabalho e de possibilidades de obter autonomia.

Ao considerar a adolescência não como um aspecto natural, mas sim como social e histórica, Bock (2004) enfatiza como o passar do tempo, ao longo dos anos, contribuiu na configuração dos contornos desta fase, fazendo com que se tornasse uma etapa de desenvolvimento carregada de significados sociais, que se constituem como ritos de preparação e passagem para a vida adulta tais como mudanças físicas e psicológicas, comportamento sexual, aumento da responsabilidade, experiências transgressoras ou comportamentos de risco e conflitos com os pais, entrada no ensino superior por meio do vestibular e ingresso no mercado de trabalho. Corroborando essa perspectiva, Aguiar e Conceição (2013) enfatizam que a adolescência não é um fenômeno claramente delineado e generalizado para nenhuma população, sendo que o mais adequado seria falar de adolescências, visto que esta etapa da vida acontece das formas mais variadas de acordo com o contexto socioeconômico e cultural no qual o sujeito está inserido.

Na realidade brasileira, o Ministério da Saúde reconhece a diversidade das adolescências e todas as diferenças presentes nessa população (étnicas, sociais, culturais, econômicas, sexuais, religiosas), de forma a deixar explícito que a adolescência é um fenômeno biopsicossocial plural, que sofre influências socioculturais (Brasil, 2010; Brasil, 2007). Diante disso, a questão vocacional ganha destaque no período da adolescência, por ser o momento em que boa parte dos jovens são solicitados a escolherem uma profissão ou ocupação, criando um cenário de futuro no qual a formação universitária e vida profissional são elementos importantes (Aguiar & Conceição, 2013; Oliveira, Pinto & Souza, 2003).

Essa solicitação da sociedade, sobre pensar no futuro profissional, pode gerar conflitos existenciais, já que a escolha envolve comprometimento com determinado caminho (Okino, 2009; Primi, Moggi & Casellato, 2004). Além disso, outros aspectos podem estar presentes nesse momento, tais como a pressão para a obtenção de resultados escolares e para alcançar o sucesso que, atrelados a falta de perspectiva de inserção profissional e social, podem contribuir para o adoecimento da juventude (Aguiar & Conceição, 2013).

Algumas pesquisas têm revelado que jovens em momento de escolha profissional podem estar adoecendo, como por exemplo, o estudo de Rocha, Ribeiro, Pereira, Aveiro e Além-Mar (2006) que teve como objetivo avaliar sintomatologia depressiva em 791 estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio e de cursinho pré-vestibular de escolas particulares de Minas Gerais e encontraram 45,7% dos sujeitos com sintomas depressivos. Além disso, os sintomas tendiam a se agravar na passagem do 2º para o 3º ano e deste para o cursinho. Para os autores, as exigências sociais aliadas à puberdade podem ser um dos fatores que desencadeiam os sintomas depressivos. Outro exemplo é a pesquisa de Hutz e Bardagi (2006), realizada com 467 estudantes de 15 a 20 anos de escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul para avaliar indecisão profissional, ansiedade e depressão.

Os dados indicaram correlação positiva entre os três aspectos avaliados, de modo que adolescentes mais indecisos também apresentavam maiores índices de ansiedade e depressão. No que se refere ao tipo de escola, os achados revelaram que os alunos da rede pública se percebem menos capazes de atingirem seus anseios profissionais. Diante desses dados, os autores enfatizam a necessidade de atenção para as questões emocionais e familiares no processo de escolha e orientação vocacional.

Para Aguiar e Conceição (2013) esses dados de pesquisas podem revelar o início de uma relação difícil entre o sujeito e o trabalho, que pode se caracterizar pela falta de satisfação e realização, e ter como consequências, o adoecimento. De acordo com o documento “Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde” do Ministério da Saúde, a taxa de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos tem aumentado nos últimos anos, o que pode ser influenciado pela combinação entre baixa escolaridade, falta de educação profissionalizante e pouca qualificação profissional. De acordo com as diretrizes, esse é um alerta para a vulnerabilidade social que esses jovens estão expostos, de forma que quando as tentativas de inserção no mercado de trabalho são frustradas, pode haver reflexos negativos no processo de construção da saúde. Mas, ainda assim, acredita-se que este é o momento mais favorável para se investir na juventude como integrante e sujeito da aceleração do crescimento econômico nacional (Brasil, 2010).

Entre os temas estruturantes dessas diretrizes está o Projeto de Vida, que considera o fortalecimento da identidade pessoal por meio de um processo de interações pessoais, envolvendo diálogos e conflitos. Nesse processo, o adolescente pode se descobrir autor de sua própria vida e passa a olhar para frente questionando como garantir um futuro melhor. Nesse mesmo sentido, Duarte et al (2010) afirmam que a partir do século XXI é necessário pensar em termos de trajetória de vida, na qual os indivíduos, de forma progressiva,

projetam e constroem suas vidas, incluindo aí os percursos profissionais. Além disso, não cabe somente aos adolescentes se confrontarem com a questão “o que vou fazer da minha vida?”, uma vez que o questionamento deve estar presente nas pessoas quando se deparam com transições nas suas vidas.

A preocupação com a promoção de saúde integral aos jovens, considerando todas as esferas da vida como familiar, escolar, profissional e afetiva, é um importante entendimento de que a relação entre esses aspectos deve ser priorizada, e que, portanto, pode contribuir para melhora ou agravamento da qualidade de vida geral dos indivíduos. A pesquisa de Simões, Matos e Batista-Foguet (2008) realizada no contexto português, com 6131 sujeitos de idade entre 11 e 18 anos, encontrou correlação positiva entre saúde, felicidade e satisfação com a vida, ou seja, os adolescentes que referiam ser mais felizes também disseram ser mais saudáveis e estar mais satisfeitos com a vida. Entre as conclusões dos pesquisadores há a ênfase na importância da promoção de fatores de proteção para a saúde e felicidade dos adolescentes, como o desenvolvimento de competências sociais e relações positivas em todos os âmbitos da vida.

Em relação à perspectiva de futuro entre adolescentes, Oliveira et al (2003) investigaram esse aspecto em 48 alunos do terceiro ano do ensino médio, das redes pública e particular de ensino de Brasília. A partir de um questionário que continha questões sobre sentimentos e concepções em relação ao futuro; ingresso na universidade; relacionamentos afetivos; emprego, profissão e carreira; situação brasileira e tendências atuais; diferenças escola/universidade e escola/trabalho, os dados revelaram que a maioria desses jovens tem uma visão otimista sobre o futuro pessoal e profissional, indicando o desejo de ingresso no ensino superior e inserção no mercado de trabalho por meio de atividades que tragam satisfação pessoal, bem como a meta de constituir família. As autoras concluem que é fundamental que as escolas abram espaços para o debate dessas questões, acolhendo esses

jovens e possibilitando, assim, que eles criem estratégias para enfrentar as diversas situações que estarão presentes quando terminarem o ensino médio.

O contexto profissional tem importância na qualidade de vida das pessoas (Duarte, 2008; Kumar, Silva & Paixão, 2007). Como afirmado anteriormente, aspectos negativos como indecisão profissional, falta de confiança nas próprias capacidades, não possuir autoconhecimento, não possuir estratégias para conhecimento da realidade profissional, entre outros, podem gerar desconforto e até mesmo adoecimento.

A respeito da decisão sobre uma profissão, é importante ressaltar que no sistema social brasileiro a passagem pelo ensino superior é quase uma unanimidade nas expectativas dos adolescentes e adultos jovens das classes média e alta. De acordo com Soares (2002), especificamente para estes jovens parece não existir outra forma de profissionalização ou inserção no mercado de trabalho. Silva (1995) identificou na população inscrita em um serviço de OP da Universidade de São Paulo, que todos que procuravam o serviço esperavam receber ali o auxílio para a escolha de um curso superior.

Ainda, dados de pesquisas realizadas com diferentes grupos, como adolescentes desempregados (Pizzinato, Boeckel, Dellazzana, Coral, & Sarriera, 2001), adolescentes de escolas públicas e privadas (Oliveira et al, 2003; Ribeiro, 2003; Sparta, 2003), alunos de classe média alta (Maia & Mancebo, 2010) e alunos de baixa renda (Sparta, Bardagi, & Andrade, 2005), por exemplo, revelam que frequentar um curso superior é um projeto definido por indivíduos de diferentes culturas e grupos econômicos. Para Coimbra e Fontaine (2010) os jovens provenientes de estratos sociais mais desfavorecidos podem ser considerados grupos de risco em termos de desenvolvimento de carreira. As autoras afirmam que eles acreditam menos nas suas capacidades, o que leva a restrição de suas opções futuras, observando-se, como consequência, um amplo déficit na representação destes grupos sociais nos diferentes níveis da estratificação profissional. Diante desse

contexto, parece que são necessárias práticas que possibilitem caminhos mais saudáveis para os jovens, tal como a orientação profissional (OP), que será apresentada a seguir.

### **Orientação profissional e o papel dos interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional**

A orientação profissional pode ser definida como uma intervenção profissional que tem por objetivo facilitar o processo de escolha de objetos profissionais bem como possibilitar que o indivíduo se reconheça como alguém que pode projetar seu futuro, por meio da promoção do autoconhecimento e identificação de seus interesses, valores, motivações. Além da perspectiva de futuro, também cabe aos processos de OP trabalhar com as demandas do presente, especialmente em populações que não estejam ingressando na formação ou mercado de trabalho, como aquelas pessoas que estejam passando pela transição de funções ocupacionais ou preparação para a aposentadoria (Lassance & Sparta, 2003; Rascovan, 2004; Sparta, 2003). Especificamente sobre o trabalho com adolescentes, Silva e Soares (2001) consideram a OP como uma possibilidade de rito de passagem para a vida adulta. As autoras enfatizam o trabalho em grupo como uma oportunidade desses adolescentes elaborarem as perdas, inseguranças e ansiedade por meio do autoconhecimento, conhecimento do mundo adulto, chegando à questão da escolha profissional. Desta forma, a OP seria uma medida profilática, pois poderia levar o jovem a uma escolha mais consciente.

As práticas de OP têm sido utilizadas desde o século XIX, e também aprimoradas constantemente, procurando sempre se adequarem ao contexto do mundo do trabalho. O desenvolvimento da OP tem como um dos marcos iniciais o período da Revolução Industrial, no qual o principal aspecto da época era colocar o trabalhador no serviço mais

adequado, para diminuir acidentes de trabalho, aumentar a produtividade e, conseqüentemente, os lucros dos empregadores. A premissa do *'homem certo no lugar certo'* pressupunha que havia características específicas para cada tipo de ocupação, e então bastaria identificá-las para que isso gerasse satisfação profissional (Herr, 2008; Sparta, 2003)

É neste momento que o nome de Frank Parsons surge, e passa a ser considerado o pai da orientação vocacional, profissional e de carreira, por ter fundado em 1908 o *Vocation Bureau* do *Civic Service House of Boston*, destinado a auxiliar jovens e adultos a fazerem escolhas adequadas de carreira e lançado a obra *Choosing a Vocation* em 1909. Parsons considerava que a harmonia entre habilidades, aptidões e interesses no desempenho de uma ocupação possibilitava um trabalho mais agradável, eficiente e produtivo, gerando assim, maior remuneração (Betz & Borgen, 2000; Ribeiro & Uvaldo, 2007). Essa perspectiva é denominada de abordagem traço e fator, cuja ênfase é analisar as capacidades do indivíduo, bem como identificar seus interesses profissionais, comparando-as às exigidas pela profissão e assim, ajudá-lo a escolher a que mais se adequa às suas características (Herr, 2008).

A partir da década de 1950 novas formas de realização da orientação profissional começaram a surgir. O nome de maior destaque é o de Donald Super, que propõe uma orientação mais ampla, considerando diversos aspectos, tais como tomada de decisão, auto-conceito, estilo de vida, valores, entre outros.

Mais recentemente, uma proposta de entendimento dos processos envolvidos na escolha profissional foi feita por meio da Teoria Sócio-Cognitiva de Desenvolvimento de Carreira (TSCDC) (Lent, Brown & Hackett, 1994) que embora tenha sido desenhada para o entendimento do processo de transição escola-trabalho, há possibilidades de estender essa compreensão. Mais que entender a transição para o trabalho como algo isolado, fechado

num período determinado, a TSCDC analisa isso como um processo que ocorre gradualmente durante e depois dos anos escolares (Lent, Hackett & Brown, 2004). O pressuposto principal da TSCDC é a interligação de três etapas no desenvolvimento de carreira, quais sejam, formação e elaboração de interesses profissionais, escolhas acadêmicas e profissionais e a performance e persistência em atividades educacionais e profissionais. Esta teoria será explorada mais adiante, por ser a base da construção de um dos instrumentos utilizados na presente investigação.

O desenvolvimento das teorias e técnicas de OP ao longo do tempo evidencia que vários aspectos estão envolvidos no processo de escolha e desenvolvimento profissional, que não somente a identificação dos interesses profissionais, por exemplo. Além disso, outros públicos tornam-se passíveis de participação em processos de OP, deixando de considerar apenas aqueles que estavam em transição para a entrada no mercado de trabalho. Características como autoconhecimento, habilidades, traços de personalidade, perspectivas de vida, autoeficácia, entre outras, passam a ser consideradas, aliadas à promoção de autonomia, para que o sujeito possa construir seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional (Abade, 2005; Herr, 2008; Sparta, 2003).

Richard (2005) fez um levantamento sobre as práticas eficazes em orientação profissional realizadas em vários países e encontrou que os programas e políticas que apresentam bons resultados incluem autoconhecimento, exploração vocacional, um método integrado e interativo de orientação e um contexto que oferece suporte ao participante. Além disso, é importante considerar que a orientação profissional deve ser contextualizada, isto é, deve estar em consonância a uma dada realidade sócio-histórica. A intervenção em orientação vocacional deve considerar o aspecto social e, por meio dos referenciais teóricos, encontrar elementos que possam levar a discussão e questionamentos sobre a forma de funcionamento de um sistema econômico e mercado de trabalho. Esta seria uma

possibilidade de promoção de autonomia no sujeito que busca a OP, evidenciando a necessidade de ser um agente ativo que pode e deve contribuir para a mudança de sua realidade.

Ribeiro (2013) ao fazer uma análise das bases ontológicas, epistemológicas e metodológicas da orientação profissional, enfatiza que o contexto latino-americano pouco tem sido considerado nas práticas profissionais. As implicações disso são que as atuações dos profissionais não consideram as demandas do mundo do trabalho que são específicas desses países, constituindo-se como práticas descontextualizadas e sem sentido crítico. Para o autor, os seguintes aspectos devem fazer parte de uma prática que considere as demandas dos latinoamericanos: enfoque interdisciplinar e psicossocial, prática contextualizada e com compromisso social, consideração do cenário de incertezas laborais e desigualdades sociais atrelados às políticas públicas, para que se tenha uma perspectiva efetivamente crítica.

De acordo com Watts e Sultana (2004) a orientação de carreira está melhor implementada e desenvolvida em países mais ricos. Essa conclusão pode ser colocada, pois os autores realizaram uma avaliação das políticas relativas à orientação de carreira em 37 países e ficou evidenciado que a orientação profissional tem importância em todos os países por sua contribuição no crescimento individual e coletivo, especificamente por estar relacionada às políticas de mercado de trabalho e equidade social. Mas, ainda há muito o que fazer, como tornar a OP acessível a todas as pessoas e não somente àqueles que saem da escola em busca de uma profissão, tornando-a um serviço oferecido desde a infância até a aposentadoria, enfatizando os momentos de transição e instrumentalizando os sujeitos a pensar e planejar suas carreiras, de acordo com o próprio crescimento e necessidades pessoais e as mudanças no mundo do trabalho.

Não se pode desconsiderar o interesse econômico que influencia esse tipo de perspectiva de desenvolvimento profissional. Faria e Taveira (2007) evidenciam dois

aspectos sobre as intervenções em OP. O primeiro refere-se à eficácia dos processos de OP, que tem produzido efeitos positivos nos indivíduos, e o segundo aponta que a prática da intervenção psicológica vocacional foi colocada como fundamental no processo de aprendizagem ao longo da vida e, especialmente, tem contribuído no desenvolvimento econômico e social das nações, de acordo com documentos políticos da União Europeia e OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Isso significa dizer que o caráter sustentável das economias dos países depende, em boa parte, da capacidade que estes têm para criar condições favoráveis de transição para o mundo do trabalho. Richard (2005) também coloca que muitos países têm investido no desenvolvimento vocacional da sua população desde os primeiros anos escolares até a vida adulta, por acreditarem que essa política é precursora de desenvolvimento social e econômico.

De forma geral, as mudanças no contexto sociocultural e as novas definições e significações do trabalho que surgiram no final do século XX, são tidas como importantes fatores que estão gerando adaptação e reorganização nos modelos de desenvolvimento de carreira (Duarte et al, 2010; Guichard, 2012; Jenschke, 2003). Essas mudanças na forma de entender o processo de escolhas profissionais e como as intervenções podem acontecer, é tema de estudo de um grupo formado por renomados especialistas em OP da Bélgica, França, Itália, Portugal, Suíça, Holanda e EUA, denominado *Life Design International Research Group*. Para esses pesquisadores (Duarte et al, 2010), as reflexões sobre a utilidade e validade dos modelos e métodos de intervenção em OP no mundo atual, que eles denominam de sociedade da informação, tem suscitado a necessidade de novas abordagens em intervenções de OP, para atender adequadamente o cliente do século XXI.

Duarte et al (2010) assumem uma posição bastante clara em relação aos conceitos das teorias e técnicas de carreira do século XX, quando afirmam que elas são insuficientes para

o contexto atual, da economia pós-moderna. A explicação é que esses modelos estão fundamentados na estabilidade das características individuais, empregos seguros em organizações delimitadas e desenvolvimento profissional como uma sequência ordenada de etapas, o que não mais existiria no mercado de trabalho atual, que muda rapidamente. Para os autores, há necessidade de adaptação ou criação de modelos de intervenção que tenham ênfase na flexibilidade, adaptabilidade e aprendizagem ao longo da vida, e que estimulem o pensamento criativo e exploração de do indivíduo nos múltiplos contextos. Além disso, precisa-se de um paradigma que enfatize a evolução conjunta permanente dos indivíduos, da economia e da sociedade.

Além da perspectiva de alteração na forma de condução dos processos de OP, é importante considerar o papel do orientador profissional. Savickas (2011) ao discutir as novas exigências e possibilidades de atuação para os orientadores de carreira em face às novas configurações do mercado de trabalho, das carreiras e das inovações digitais, coloca que as teorias existentes de desenvolvimento de carreira não mais representam adequadamente a estrutura atual de carreiras, na qual há incertezas, rapidez nas mudanças, e a necessidade de gerenciar uma carreira não mais num meio estável e, sim, num meio em constantes mudanças. Desta forma, o autor aborda a necessidade dos psicólogos trabalharem com a ideia de construção de ciclo de vida cheio de transições e verificarem como a teoria e as técnicas de aconselhamento de carreira podem melhor ajudar os clientes a entender uma vida de mudanças de emprego, sem perder seu senso de identidade individual e social. Além disso, o autor coloca que espera uma mudança qualitativa nas intervenções, com o surgimento de um novo modelo geral para o aconselhamento de carreira projetado para as sociedades e organizações flexíveis e contextos multiculturais do novo milênio, tal como colocado por Duarte et al (2010).

Diante desse contexto, a avaliação psicológica pode ter um papel importante, como um processo que facilitaria a compreensão do funcionamento psicológico e social do indivíduo que busca a OP. Desta forma, será considerada a definição da *American Educational Research Association*, *American Psychological Association* e *National Council on Measurement in Education* (1999) sobre a avaliação profissional/vocacional como um tipo específico de avaliação psicológica, que objetiva gerar reflexões sobre interesses, necessidades e valores de trabalho, desenvolvimento de carreira e maturidade vocacional. Segundo Duarte (2008) a avaliação psicológica se constitui desde os primórdios do contexto de OP como uma possibilidade para ajudar os indivíduos a realizarem suas escolhas. Desta forma, todo processo de avaliação deve promover o autoconhecimento para que, conseqüentemente, o indivíduo faça escolhas de carreiras consistentes com seus objetivos de vida.

O processo de avaliação psicológica deve ser bem fundamentado, ou seja, deve haver coerência entre os instrumentos e técnicas escolhidas e a perspectiva de OP que o orientador trabalha. Fazer bom uso das técnicas, bem como identificar as necessidades do sujeito e o objetivo da intervenção, são responsabilidades do psicólogo que reforçam a necessidade da boa formação desse profissional (Lassance, Melo-Silva, Bardagi & Paradiso, 2007).

Outro aspecto importante sobre o processo de avaliação psicológica é enfatizado por Duarte (2008) ao colocar que somente a medição de capacidades dos indivíduos para comparação com as características de determinada profissão, não tem mais utilidade. É preciso entender esse processo como uma forma de obter informações que irão ajudar o profissional e o indivíduo no processo de tomada de decisão. Um exemplo de avaliação de características pessoais para adequação e harmonização a uma determinada ocupação é a

utilizada no modelo traço e fator, cuja ênfase na avaliação dos interesses profissionais esteve presente desde as primeiras inserções de Frank Parsons.

A avaliação dos interesses profissionais tem lugar de destaque nos processos de OP, tendo sido citada desde as primeiras referências sobre a área, o que teve por consequência a construção de instrumentos de medida para a quantificação do construto (Leitão & Miguel, 2004; Levenfus, 2005). Há mais de 30 anos, Holland e Holland (1977) já anunciavam que a OP deveria contribuir com a identificação das preferências dos sujeitos, a fim de que obtenham informações sobre as diferentes áreas profissionais e explorem suas opções de escolhas. Destarte, o levantamento dos interesses profissionais não deve ser feito isoladamente, e, sim, em conjunto com outros construtos. Os interesses devem ser vistos como a reunião de muitas variáveis, cujo conhecimento favorece o processo de escolha profissional.

A definição de interesses profissionais não é consensual entre os diversos estudiosos, o que não é especificidade deste construto, e ainda há pouca literatura sobre isso. Mattiazzi (1977) postula que não há exatamente uma teoria sobre os interesses, e sim tentativas de explicação do fenômeno, que são confirmadas ou não por meio das pesquisas científicas. Athanasou e Van Esbroeck (2007) assinalam que não há um pensamento unificado entre os pesquisadores da área, o que explica as diferentes perspectivas que os estudiosos atribuem ao campo dos interesses profissionais, algumas vezes com enfoque mais psicológico, em outras, educacional e em outras, mais filosófico. No entanto, para os autores, os interesses podem ser entendidos enquanto construto teórico, como as escolhas humanas expressas em comportamentos e respostas dos indivíduos, gostos e preferências por objetos, atividades e eventos.

Anos antes, Savickas (1999) já se referia aos múltiplos significados do termo interesse. Em um sentido mais geral, refere-se à posição de um indivíduo em relação a um

objeto, no que diz respeito à atenção que o objeto desperta, seja este prazeroso ou desprazeroso e da tendência a aproximar-se ou não dele. Resumidamente o autor coloca que o interesse traduz um complexo esforço adaptativo de utilização do contexto pessoal para satisfação das necessidades e valores. O autor também considera o contexto social e ambiental no qual o indivíduo está inserido, como uma variável relevante nos processos de origem e desenvolvimento dos interesses profissionais.

Quando entendidos mais como traço do que como estado, os interesses denotam uma tendência de resposta razoavelmente estável, consistente e persistente, que aumenta a prontidão de um indivíduo para atender a certos tipos de estímulos ambientais e a agir em relação a eles. Esta concepção, embora tenha mais de dez anos, ainda tem sido considerada a mais completa e atual (Leitão & Miguel, 2004).

Na perspectiva da Teoria Social Cognitiva de Desenvolvimento de Carreira (TSCDC) os interesses profissionais são entendidos como padrões de preferências, rejeições e indiferenças a respeito de ocupações e atividades relacionadas à carreira (Lent et al, 1994). Neste modelo, os autores afirmam que ao longo da infância e adolescência, as pessoas observam outras realizando diversas tarefas ocupacionais, bem como têm experiências com atividades lúdicas, acadêmicas e culturais em que podem ou não ser reforçadas. Esse processo tende a gerar nas pessoas percepções de que fazem algumas coisas melhor que outras e, assim, criam a expectativa de receber recompensas a partir da execução de determinadas atividades, o que influenciará a formação dos interesses profissionais.

As crenças que as pessoas possuem sobre suas capacidades para organizar e realizar adequadamente uma ou mais ações, são denominadas de autoeficácia, considerada o conceito principal da Teoria Social Cognitiva (TSC) de Albert Bandura (Azzi & Polydoro, 2006; Bandura, 1997; Bandura, 2005; Lent et al, 1994; Olaz, 2003; Pajares & Olaz, 2008; Teixeira, 2008). Na TSC o comportamento humano pode ser compreendido como uma

expressão da interação constante entre a pessoa e o meio no qual está inserida, denominada de reciprocidade triádica, ou seja, há trocas contínuas entre fatores pessoais internos (cognições, afetos, condições biológicas), fatores pessoais ostensivos (comportamentos manifestos) e fatores ambientais (Azzi & Polydoro, 2006). A interpretação que a pessoa faz de determinados estímulos, altera seu comportamento que também altera o ambiente ao redor. Dessa forma, o ambiente modificado despertará novas cognições e afetos no indivíduo, que segue se constituindo a partir dessas experiências (Pajares & Olaz, 2008).

As crenças de autoeficácia constituem-se como um importante fator de influência no comportamento humano, uma vez que guiarão a escolha das atividades a serem desempenhadas e das estratégias para se atingir os objetivos traçados, além de determinar o quanto de esforço será aplicado, o tempo de perseverança e a qualidade da resiliência frente aos obstáculos e dificuldades e também, a própria qualidade do desempenho. Desta forma, pode-se entender a autoeficácia como um componente importante para o desenvolvimento pessoal, para as adaptações às situações de vida e para as mudanças pessoais (Bandura, 1977; Bandura, 1997; Bandura, 2006).

As crenças podem ser favoráveis ou desfavoráveis. As favoráveis tendem a facilitar o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos, pois eles se esforçam para a realização das ações, ou seja, mesmo não possuindo certas habilidades, o esforço sustentado, gerado pelas crenças favoráveis, pode levar ao desenvolvimento do potencial. De outra forma, as crenças desfavoráveis fazem com que as pessoas evitem certos ambientes e atividades, levando assim a um retardo do desenvolvimento das competências na atividade (Bandura, 1986; 1997).

Bandura (1997) ressalta que as crenças não são os únicos fatores influenciadores do comportamento, outros aspectos devem ser considerados como desempenho em uma atividade, capacidade real da pessoa, incentivos e oportunidades de exercê-la. As crenças

de autoeficácia são adquiridas e modificadas por meio de informações significativas advindas de quatro principais fontes, quais sejam, experiência pessoal, aprendizagem vicária, persuasão verbal e estados fisiológicos e afetivos. Segundo o autor, a experiência pessoal refere-se aos indicadores diretos de competência por meio do sucesso na realização das ações; a aprendizagem vicária envolve a percepção do indivíduo de ser capaz de realizar certas atividades, quando se compara a um modelo semelhante; a persuasão acontece por meio de *feedbacks* que podem ajudar a reforçar ou enfraquecer a crença na capacidade pessoal e, por último, os indicadores fisiológicos são os sinais físicos usados para avaliar a capacidade ou disfunção em uma determinada atividade, como um humor favorável ou ansiedade.

Com base na TSC, Lent et al (1994) elaboraram a proposta da TSCDC, que aborda o desenvolvimento de carreira a partir da identificação de três dimensões fundamentais, relacionadas entre si, quais sejam, autoeficácia, as expectativas de resultados e objetivos pessoais, que representam os mecanismos mais importantes sobre como as pessoas regulam e dirigem suas ações. Sobre o processo de transição entre escola e trabalho, a TSCDC entende que isso ocorre ao longo dos anos, incluído em uma estrutura maior de desenvolvimento de carreira, e não de forma isolada. O sucesso nesta transição depende de alguns aspectos como exploração de carreira e formação da habilidade de tomada de decisão, por exemplo (Lent et al, 2004; Nunes, 2008).

Dentro da TSCDC a autoeficácia é um dos elementos que possui um papel central na escolha e no desenvolvimento de carreira, e que pode ser entendida como algo que ajuda a prever os interesses específicos dos alunos, seu desempenho escolar nas disciplinas preferidas, a variedade de opções de carreira consideradas e a persistência e o sucesso obtido no campo escolhido. A partir disso, pode-se compreender que, nas áreas nas quais o sujeito possui crenças de autoeficácia mais favoráveis, tenderá a apresentar expectativas de

resultado positivas e, desse modo, isso poderá influenciar os comportamentos apresentados ou ainda as escolhas ocupacionais consideradas.

Lent et al (1994) defendem que as crenças de autoeficácia e as expectativas de resultado precedem a formação dos interesses, atuando de forma direta sobre eles. De forma mais específica, pode-se colocar que o interesse mantido ao longo do tempo por determinadas atividades é desenvolvido naqueles domínios em que as pessoas consideram-se eficazes e nas quais antecipam resultados positivos. Quando há percepções de eficácia e expectativa positiva acerca das recompensas futuras (intrínsecas ou extrínsecas) é esperado que sejam gerados interesses por atividades de forma a estimular intenções de continuar se comprometendo com elas. De outra forma, situações vinculadas a crenças de eficácia e expectativas de resultados negativos, provocam desgosto e esquiva da atividade, gerando exclusões das opções de carreira ligadas a essas crenças. A partir disso, pode-se compreender que autoeficácia e as expectativas de resultados podem influenciar direta e indiretamente o comportamento de escolha.

Como a autoeficácia deve ser pensada em termos de domínios específicos (Bandura, 1977), há possibilidade de estudá-la em aspectos restritos ao campo da OP, como a autoeficácia para escolha profissional que pode ser conceituada como a confiança dos indivíduos para se engajar em tarefas de decisão profissional (Ambiel, 2010; Hackett & Betz, 1981; Taylor & Betz, 1983). Esta é concepção da escala *Career Decision-Making Self-Efficacy Scale* (CDMSES), que avalia cinco competências para escolha profissional, quais sejam, correta autoavaliação, coleta de informações ocupacionais, seleção de objetivos, planejamento do futuro e solução de problemas (Taylor & Betz, 1983).

A partir da consideração de que as crenças de autoeficácia são utilizadas pelas pessoas para realizar suas escolhas diárias, como quais atividades realizarão e quanto tempo empenhará em cada tarefa ou objetivo, a avaliação da autoeficácia se torna relevante e pode

revelar a influência do pensamento otimista e pessimista em relação aos objetivos. Especificamente, há uma tendência das pessoas serem mais otimistas nas atividades que possuem confiança da sua capacidade (Bandura, 2001).

Nesse sentido, um aspecto fundamental da tomada de decisão de carreira é a perspectiva de futuro, visto que as escolhas podem ser feitas e, conseqüentemente, irão influenciar a direção de vida do indivíduo. Assim, as questões de carreira são particularmente relevantes para os adolescentes, que precisam ser informados, qualificados e estarem confiantes para definir metas para o futuro e tomar decisões de carreira (Monteiro, 2008). A partir dessa concepção, pode-se trazer à baila a questão do otimismo, um dos construtos estudados pela área denominada Psicologia Positiva, que será apresentado em seguida.

### **Psicologia Positiva e avaliação do otimismo**

A Psicologia Positiva é bastante recente dentro da ciência psicológica, sendo que em 1988 surge a primeira menção ao termo, feita pelo então presidente da *American Psychological Association (APA)*, Martin Seligman, ao explicar que a psicologia estava orientada historicamente numa prática que privilegiava a compreensão e tratamento de patologias, deixando de lado os aspectos virtuosos do ser humano (Yunes, 2003). Nos anos seguintes o movimento iniciado afirmou-se, especialmente por meio de publicações em que se evidenciava que a Psicologia não produzia conhecimento suficiente sobre as forças pessoais que todos os seres humanos possuem, além de indicar as lacunas e possibilidade de investigações com ênfase em aspectos positivos como esperança, criatividade, coragem, sabedoria, espiritualidade e felicidade, por exemplo (Paludo & Koller, 2007; Peterson & Seligman, 2004).

As investigações sobre o tema possibilitam uma reavaliação das potencialidades e virtudes humanas, tendo como um dos objetivos, fornecer meios para que se possa trabalhar com a prevenção, visto que é necessário o investimento no conhecimento científico, conforme já salientava Seligman (2002). Nesse sentido, Yunes (2003) destaca que a definição de uma área dentro de uma ciência, necessita de esforços e seriedade conceitual, além de suporte teórico e metodológico, para que ela possa ser consolidada.

Para Seligman (2002) e Peterson e Seligman (2004) cabe à Psicologia não apenas reparar o que está doente, mas também identificar e fortalecer o que está saudável. Desta forma, o conhecimento das forças e virtudes poderia propiciar o florescimento das pessoas, ou seja, levar a uma condição que permita o desenvolvimento saudável e positivo dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais dos seres humanos. Reforçando esse posicionamento, Peterson e Seligman (2004) organizaram o livro “*Character Strengthsand Virtues: A Handbook and Classification*” que seria um contraponto aos manuais diagnósticos de doenças e transtornos mentais. O ‘manual de sanidade’ enfatiza diversos construtos positivos, tais como criatividade, persistência, curiosidade, sabedoria, vitalidade, amor, compaixão, inteligência social, perdão, humildade, entre outros, trazendo as definições e pesquisas sobre o tema.

Dentre os construtos estudados pela psicologia positiva são exemplos a resiliência, esperança, bem-estar subjetivo e otimismo (Rojas & Marin, 2010). A respeito do otimismo, as raízes do conceito estão estabelecidas na sabedoria popular (Carver & Scheier, 2002) e, na Psicologia Positiva há duas teorias principais que se destacam para fundamentar o seu estudo, quais sejam, a teoria do otimismo aprendido proposta por Martin Seligman, e o otimismo disposicional de Michael Scheier e Charles Carver (Carr, 2007; Snyder & Lopez, 2009). Peterson (2000) considera que o otimismo envolve componentes cognitivos, emocionais e motivacionais. Pessoas altas em otimismo tendem a ser mais perseverantes e

bem-sucedidas, apresentar mais bom humor e experienciar melhor saúde física e mental. Assim, compreende-se o otimismo como um traço que parece mediar os eventos externos e a interpretação dos mesmos.

A teoria do otimismo aprendido ou explicativo tem como base a ideia de que as expectativas das pessoas para o futuro são derivadas da forma como elas interpretam as causas dos eventos negativos e positivos ocorridos no passado. Essa teoria surgiu do modelo de desamparo aprendido, cuja premissa era de que, ao experimentar eventos aversivos, as pessoas tornavam-se impotentes, passivas e indiferentes, ou seja, aprendiam com a experiência negativa a não ter boas expectativas futuras (Carver & Scheier, 2002; Peterson, 2000).

Basicamente, a teoria explicativa possui três dimensões fundamentais, a saber, permanência, amplitude e personalização. A permanência refere-se à temporalidade das causas do sucesso ou fracasso, que podem ser duradouras ou circunstanciais; a amplitude refere-se ao alcance da explicação e propagação dos efeitos do sucesso ou fracasso que pode ser universal ou específica e, por último, a personalização, refere-se a fatores internos ou externos para explicação do sucesso ou fracasso (Ortín, Fayos, Gosálvez, Ortega & Olmedilla, 2011).

A explicação que o indivíduo atribui para os eventos positivos ou negativos que acontecem com ele é que vai determinar se ele é uma pessoa otimista ou não. Aqueles que atribuírem aos eventos boas explicações permanentes, inespecíficas e internas são considerados otimistas. Por outro lado, os pessimistas percebem os acontecimentos bons como temporários, específicos e externos e, além disso, não atribuem ao seu esforço pessoal o que aconteceu. Ainda, para os pessimistas, os eventos ruins são entendidos como permanentes, inespecíficos e internos (Carver & Scheier, 2002; Peterson, 2000; Peterson & Steen, 2002; Ortín et al, 2011)

A segunda teoria, que será estudada na presente pesquisa, é a do otimismo disposicional, compreendido como uma tendência estável da pessoa acreditar que coisas boas acontecerão com ela, em vez de coisas ruins. Nesse sentido, a expectativa é um aspecto fundamental nas teorias de otimismo e, em especial na perspectiva disposicional, esta é avaliada diretamente, quando se solicita às pessoas que indiquem o quanto acreditam que seus resultados futuros serão bons ou ruins. Otimistas são pessoas que esperam que boas coisas aconteçam, enquanto pessimistas esperam que coisas ruins aconteçam (Bastianello, 2011; Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985; Snyder & Lopez, 2009).

Os autores desta teoria, Carver e Scheier (2002), enfatizam que otimismo e pessimismo são características de personalidade que influenciam a forma como as pessoas se colocam diante dos eventos da vida. Especialmente, são importantes aspectos a serem considerados quando as pessoas se deparam com problemas e desafios. Ou seja, a forma como irão responder a isso, dependerá da visão mais otimista ou pessimista que se tem.

É possível perceber que o ponto de partida da teoria do otimismo disposicional é um modelo de auto-regulação de conduta, ou seja, quando surgem dificuldades, as expectativas de resultados favoráveis levam a um maior esforço da pessoa para alcançar seus objetivos e as expectativas desfavoráveis reduzem os esforços, podendo chegar ao ponto de desistência (Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985). De acordo com esta perspectiva, os indivíduos otimistas são aqueles que, quando confrontados com dificuldades ou adversidades, têm a expectativa de ultrapassar as situações e de alcançar resultados positivos, enquanto que os indivíduos pessimistas, frente às dificuldades, esperam resultados negativos. Estas expectativas de resultados negativos podem levar o aparecimento de sentimentos negativos, como a ansiedade, culpa, raiva, tristeza ou desespero (Carver & Scheier, 2002; Monteiro, 2008)

A teoria do otimismo disposicional possui então, dois elementos importantes que compõem a definição de expectativas, quais sejam, o objetivo e o senso de confiança. Todo comportamento aponta para a perseguição de uma meta, de fins ou de valores que as pessoas entendem como desejáveis ou indesejáveis. Sem uma meta que tenha valor, ou seja, determinada importância para o indivíduo, não haverá razão para agir e, deve se somar a isso, a ação em direção a meta, o senso de confiança de que é possível atingi-la. A pessoa necessita ter confiança suficiente para agir e continuar agindo, pois quando se está confiante com relação a um evento futuro, esforços contínuos são empregados para se alcançar a meta, mesmo diante de grandes adversidades (Carver & Scheier, 2002; Lopez & Snyder, 2009).

Nesse sentido, a definição de otimismo apóia-se em expectativas positivas das pessoas sobre eventos futuros. Pressupõe que quando um objetivo tem valor suficiente, a pessoa produzirá ações para alcançar a meta desejada, esperando por resultados positivos (Scheier & Carver, 1985, 1993). Desta forma, a motivação subjacente aos comportamentos se configura como possível raiz do construto otimismo. Assim, pessoas que possuem uma orientação otimista para a vida tendem a apresentar expectativas positivas com relação ao futuro, a perceber metas desejáveis como possíveis e a persistir em seus esforços. Pessimistas, por sua vez, apresentam expectativas negativas, esforçam-se menos, tendem a se tornar passivos e desistem mais facilmente de suas metas (Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985).

Dentro do modelo expectativas-valores, as expectativas se configuram como o elemento que define o otimismo disposicional, que existem em muitos níveis e podem variar ao longo do ciclo vital, podendo ter uma natureza específica ou mais geral. As expectativas são permeadas pelo senso de convicção ou incerteza em relação aos eventos futuros. Assim, otimistas quando confrontados com um desafio tendem a agir com

confiança e persistência, mesmo que o progresso seja difícil ou lento. Já pessimistas tendem a ser indecisos e hesitantes. E as diferenças entre otimismo e pessimismo são ampliadas quando surgem obstáculos, sendo que os otimistas presumirão que as adversidades poderão ser superadas com facilidade ou com o empenho de um esforço adicional, porém, talvez não tenham claro quando é necessário desistir. Pessimistas, em geral, tendem a antecipar dificuldades e não acreditar na possibilidade de superação delas (Carver & Scheier, 2002; Scheier, Carver, & Bridges, 2001).

Também Scheier, Carver e Bridges (1994) consideram o otimismo e pessimismo como expectativas generalizadas sobre as coisas que acontecem na vida dos indivíduos. Essas expectativas são consideradas como disposições estáveis, ou seja, características de cada pessoa. Além disso, o construto otimismo pode ser entendido como unidimensional e bipolar, o que significa dizer que é uma única característica com dois extremos (otimismo e pessimismo). Carver e Scheier (2002) explicam que embora muitas vezes se faça a referência às pessoas como otimistas ou pessimistas, como se fossem grupos distintos, isso seria apenas uma questão de conveniência verbal. As pessoas podem ir do muito otimista ao muito pessimista, com a maioria ficando em algum lugar no meio. Comparando as duas teorias, Orejudo e Melero (2009) consideram que a diferença fundamental é que na primeira, do otimismo aprendido ou explicativo, as crenças otimistas ou pessimistas dependem de acontecimentos passados. Já na teoria do otimismo disposicional, ter uma orientação otimista ou pessimista dependerá das expectativas futuras.

A partir da definição de Scheier et al (1994) de que os indivíduos otimistas são pessoas que têm expectativas positivas acerca do seu futuro e que os indivíduos pessimistas têm expectativas negativas acerca do futuro, Carver e Scheier (2002) discutem sobre a questão da expectativa. Para os autores a base do conceito de otimismo e pessimismo se assenta na questão da expectativa de futuro, já que isso tem um importante impacto na

forma como as pessoas reagem em momentos de adversidades ou mesmo desafios. Serão as expectativas que irão influenciar a forma como as pessoas irão enfrentar essas situações. Neste sentido, Monteiro (2008) afirma que da mesma forma que as expectativas dos estudantes parecem ser variáveis a considerar na fase de transição para o ensino superior, o otimismo também deverá ser. Isso se justifica por algumas razões, como a necessidade de ampliar o conhecimento de variáveis que fazem parte do processo de escolha profissional e, posteriormente, incrementar as intervenções na área. Também é sabido, a partir dos achados de estudos realizados em vários contextos (Brissete, Scheier, & Carver, 2002; El-Anzi, 2005; Haynes, Ruthig, Perry, Stupnisky, & Hall, 2006, por exemplo), que o otimismo tem aparecido como uma variável importante quando se considera a adaptação ao contexto universitário ou desempenho acadêmico. Portanto, parece importante que otimismo seja mais uma variável a ser investigada e trabalhada na orientação profissional (OP).

Diante do exposto até aqui, pode-se entender que se torna necessário ampliar os estudos sobre as relações entre diferentes construtos dentro da OP, pois como afirmam Duarte et al (2010), Lehman (2010), Savickas (2011) e Guichard (2012), esse campo passa por um novo estágio, no qual a dinâmica do mundo do trabalho fica cada vez menos previsível. Neste cenário de transição é exigido das pessoas maior adaptabilidade e multifuncionalidade, colocando o projeto profissional em constante mutação. Além disso, a partir da perspectiva de promoção de saúde aos adolescentes, é preciso oferecer programas de OP que possam de fato auxiliar esse jovem no entendimento da sua condição, seus interesses, e na construção do seu projeto de vida. Para Duarte (2008) a perspectiva atual deve ser a da psicologia da construção da vida, que tem como preocupação o desenvolvimento de competências individuais e aquisição de novas aprendizagens que serão importantes em todos os aspectos da vida do indivíduo, e não somente o profissional.

Aliada a essa necessidade de ampliação de estudos, está a questão de que o processo de escolha profissional, seja em qual momento da vida acontecer, pode se configurar como um período de intensas emoções, nem sempre positivas. Para os adolescentes, tomar uma decisão pode envolver conflitos e medos, nesse sentido, a OP deve ser uma prática que auxilie o enfrentamento dessas questões por meio do auto-conhecimento. Isso poderá evitar que esses jovens desenvolvam patologias, tal como evidenciado por Hutz e Bardagi (2006) e Rocha et al (2006) e que tenham perspectivas positivas de futuro (Oliveira et al, 2003).

Os três construtos apresentados até aqui (interesses profissionais, autoeficácia e otimismo) são amplamente explorados, especialmente na literatura internacional. No âmbito nacional, ainda são poucos os estudos a respeito da Psicologia Positiva de forma geral e, sobre o otimismo disposicional menos ainda. Os dados de pesquisas desenvolvidas em diferentes países indicam que não há uma unanimidade sobre a dimensionalidade da escala que avalia o otimismo disposicional, o que justifica a realização de investigações para que efetivamente a medida possa ser aperfeiçoada e incorporada à prática profissional do psicólogo.

A respeito dos construtos relacionados à área de OP, a medida de interesses profissionais é algo já consolidado e bastante usual no Brasil, embora ainda haja poucos instrumentos disponíveis para tal. Já a autoeficácia para escolha profissional é tema recente no país, evidenciando a necessidade de estudos também visando à utilização do conceito e medida nas práticas psicológicas. A área de avaliação psicológica, especificamente no que se refere à testagem psicológica, encontra-se em crescente e contínuo desenvolvimento no Brasil. Porém, ainda há muito que se fazer, especialmente propor estudos que verifiquem a utilidade dos instrumentos, trazendo assim, a possibilidade de ampliação de opções para a prática psicológica. Além disso, destaca-se que não há estudos, até o presente momento, que tenham proposto a verificação das relações entre as medidas dos três construtos

apresentados. Também, justifica-se a escolha dos sujeitos de pesquisa, adolescentes do último ano do ensino fundamental e último ano do ensino médio, por estarem em diferentes momentos no que se refere à preocupação com as escolhas profissionais.

Isto posto, esse estudo apresenta como objetivos: avaliar as diferenças entre otimismo disposicional, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional no que se refere às variáveis série, sexo e idade; verificar a associação entre as medidas de interesse profissionais, autoeficácia para escolhas profissionais e otimismo disposicional e a contribuição do otimismo disposicional na percepção da autoeficácia para escolha profissional e na formação dos interesses; analisar a estrutura fatorial do LOT-R.

## Referências

Abade, F. A. L. (2005). Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6, 15-24.

Aguiar, F. H. R., & Conceição, M. I. G. (2013). Orientação vocacional e promoção da saúde integral em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13, 86-100.

Ambiel, R. A. M. (2010). *Construção da escala de autoeficácia para escolha profissional*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

American Educational Research Association, American Psychological Association & National Council on Measurement in Education. (AERA, APA & NCME, 1999). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington: American Psychological Association.

Athanasou, J. A., & Van Esbroeck, R. (2007). Multilateral perspectives on vocational interests. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 7, 1-3.

Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. J. (2006). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas: Alínea.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavior change. *Psychological Review*, 84, 191- 215.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.

Bandura, A. (2001). Social Cognitive Theory: an agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, 52, 1-26.

Bandura, A. (2005). The evolution of social cognitive theory. In K. G. Smith & M. A. Hitt (Eds.), *Great minds in management: the process of theory development*. Oxford: Oxford University Press.

Bandura, A. (2006). Adolescent development from an agentic perspective. Em F. Pajares & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy of adolescents*. (pp.1-43). Greenwich: Information Age Publishing.

Bastianello, M. R. (2011). *Adaptação e Validação do Teste para Avaliação de Otimismo LOT-R e suas Relações com Autoestima e Personalidade*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Betz, N. E., & Borgen, F. H. (2000). The future of career assessment: Integrating vocational interests with self-efficacy and personal styles. *Journal of Career Assessment*, 8, 329-338.

Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos Cedes*, 24, 26-43.

Brasil (2007). *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

Brasil (2010). *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

Brissette, I., Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2002). The role of optimism in social network development, coping, and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 102-111.

- Carr, A. (2007). *Psicología positiva: la ciencia de la felicidad*. Barcelona: Paidós.
- Carver, S. C., & Scheier, M. F. (2002). Optimism. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 231-243). New York: Oxford University Press.
- Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2010). Será que sou capaz? Estudo diferencial de auto-eficácia com alunos do nono ano. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 5-22.
- Duarte, M. E. (2008). A avaliação psicológica na intervenção vocacional: Princípios, técnicas e instrumentos. Em M. C. Taveira & J. T. Silva (Orgs.), *Psicologia Vocacional: Perspectivas para a intervenção* (pp. 139-157). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Duarte, M. E., Lassance, M. C., Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Van Vianen, A. E. M. (2010). A Construção da Vida: Um Novo Paradigma para Entender a Carreira no Século XXI. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(2), 392-406.
- El-Anzi, F. (2005). Academic, achievement and its relationship with anxiety, self-esteem, optimism, and pessimism in Kuwaiti Students. *Social Behavior and Personality*, 33(1), 95-104.
- Erickson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (2ª ed.). Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Faria, L., & Taveira, M. D. C. (2007). Vale a pena investir na consulta psicológica vocacional? Revisão de estudos e suas implicações. Em: Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía: Actas. Coruña.

Guichard, J. (2012). Quais os desafios para o aconselhamento em orientação no início do século 21?. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 139-152.

Hackett, G., & Betz, N. E. (1981). A self-efficacy approach to the career development of women. *Journal of Vocational Behavior*, 18, 326-336

Haynes, T. L., Ruthig, J. C., Perry, R. P., Stupnisky, R. H., & Hall, N. C. (2006). Reducing the academic risks of over-optimism: The longitudinal effects of attributional retraining on cognition and achievement. *Research in Higher Education*, 47(7), 755- 779.

Herr, E. (2008). Abordagens às intervenções de carreira: perspectiva histórica. Em M. C. Taveira & J. T. Silva (Orgs.), *Psicologia Vocacional: Perspectivas para a intervenção* (pp. 9-27). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Holland, J. L., & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 404-414.

Hutz, C. S., & Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *PsicoUSF*, 11, 65-73.

Jenschke, B. (2003). A cooperação internacional: desafios e necessidades da orientação e do aconselhamento em face das mudanças mundiais no trabalho e na sociedade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 35-55.

Kumar, M. E., Silva, J. T., & Paixão, M. P. (2007). Os projectos de vida nos estudantes do ensino superior: relações com o optimismo e auto-eficácia de carreira. *Psychologica*, 44, 45-62.

Lassance, M. C., & Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4, 13-19.

Lassance, M. C. P., Melo-Silva, L. L., Bardagi, M. P., & Paradiso, A. C. (2007). Competências do orientador profissional: uma proposta brasileira com vistas à formação e certificação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8, 87-94.

Lehman, Y. P. (2010). Orientação profissional na pós-modernidade. Em: R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (orgs.), *Orientação Vocacional Ocupacional* (pp. 19-30). Porto Alegre: Artmed.

Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2004). Avaliação dos interesses. Em: Leitão, L. M. (Org.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 179-262). Coimbra: Quarteto.

Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Towards a unifying social cognitive theory of career and academic interests, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45(1), 79-122.

Lent, R. W., Hackett, G., & Brown, S. D. (2004). Una perspectiva social cognitiva de la transición entre la escuela y el trabajo. *Evaluar*, 4, 1-22.

Levenfus, R. S. (2005). *Interesses e profissões: Suporte informativo ao orientador vocacional*. São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica.

Levisky, D. L. (1998). *A adolescência: Reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Maia, A. A. R. M., & Mancebo, D. (2010). Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 376-389.

Mattiazzi, B. (1977). *A natureza dos interesses e a orientação vocacional*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Monteiro, S. O. M. (2008). *Optimismo e vinculação na transição para o ensino superior: relação com sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento acadêmico*. (Tese de Doutorado), Universidade de Aveiro, Portugal.

Nunes, M. F. O. (2008) Funcionamento e desenvolvimento das crenças de auto-eficácia: uma revisão. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9, 29-42.

Okino, E. T. K. (2009). *O SDS e o BBT-Br em Orientação Profissional: vidências de validade e precisão*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: Universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia, 11*(1), 16-27.

Olaz, F. (2003). Modelo social cognitivo del desarrollo de carrera. *Revista Evaluar, 3*, 15-34

Orejudo, S., & Melero, M. P. T. (2009). Una mirada evolutiva al optimismo em la edad escolar. Algunas reflexiones para padres, educadores e investigadores. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 66*, 129-158.

Ortín, F. J., Fayos, E. J. G., Gosálvez, J., Ortega, E., & Olmedilla, A. (2011). Optimismo y ejecución em el deporte em situaciones adversas. Replicando a Seligman 1990. *Revista de Psicología del Deporte, 20*, 491-501.

Pajares, F., & Olaz, F. (2008). Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral. In A. Bandura, R. G. Azzi & S. Polydoro (Orgs.). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*, (pp. 97-114). São Paulo: ArtMed.

Paludo, S., & Koller, S. (2007) Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia, 17*, 9-20.

Peterson, C. (2000). The future of optimism. *American Psychologist, 55*, 44-55

Peterson, C., & Steen, T. A. (2002). Optimistic Explanatory Style. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 244-256). New York: Oxford University Press.

Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). Introduction to a “Manual of the Sanities” Em C. Peterson, C. & M. E. P. Seligman (orgs). *Character Strengths and Virtues: A Handbook and Classification* (pp. 3-30). New York: Oxford University Press.

Pizzinato, A., Boeckel, M. G., Dellazzana, L. L., Coral, R. V., & Sarriera, J. C. (2001). Projetos vitais, ocupacionais e profissionais em adolescentes desempregados [Resumo]. *Anais Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional, 4* (p. 373). São Paulo: ABOP

Primi, R., Moggi, M. A., & Casellato, E. O. (2004). Estudo correlacional do Inventário de Busca Auto Dirigida (Self-Directed Search) com o IFP. *Psicologia Escolar Educacional, 8*(1), 47-54.

Rascovan, S. (2004). Lo vocacional: una revisión crítica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 5*(2), 1-10.

Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: Um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 4*(1/2), 141-151

Ribeiro, M. A. (2013). Reflexiones epistemológicas para la orientación profesional en América Latina: una propuesta desde el Construccinismo Social. *Revista Mexicana de Orientación Educativa, 10*, 2-10.

Ribeiro, M. A., & Uvaldo, M. C. C. (2007). Frank Parsons: trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 8*, 19-31.

Richard, G. V. (2005). International best practices in career development: review of the literature. *International Journal for Educational and Vocational Guidance, 5*, 189-201.

Rocha, T. H., Ribeiro, J. E., Pereira, G. A., Aveiro, C. C., Além-Mar, S. L. (2006). Sintomas depressivos em adolescentes de um colégio particular. *PsicoUSF, 11*, 95-102.

Rojas, H. Y. A., & Marín, D. E. S. (2010). El papel de las emociones positivas em el desarrollo de La Psicología Positiva. *Revista Wímbly, 1*, 65-83.

Savickas, M. L. (1999). The psychology of interests. Em M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.), *Vocational interests: Meanings, measurements and counseling use* (pp. 19-56). Palo Alto, CA: Davies-Black.

Savickas, M. L. (2011). New Questions for Vocational Psychology: Premises, Paradigms, and Practices. *Journal of Career Assessment, 19* (3), 251-258.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implication of generalized outcome expectancies. *Health Psychology, 4*, 219–247.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1993). On the power of positive thinking: The benefits of being optimistic. *Current Directions in Psychological Science, 2*, 26–30

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self- esteem) – a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*(6), 1063-1078.

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (2001). Optimism, pessimism, and psychological well-being. Em E. C. Chang (Ed.), *Optimism and pessimism: Implications for theory, research, and practice* (pp. 189–216). Washington, DC: American Psychological Association.

Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.

Silva, F. F. (1995). O atendimento em orientação profissional numa instituição pública: Modelos e reflexões. Em A. M. B. Bock, C. M. M. Amaral, & F. F. Silva (Org.), *A escolha profissional em questão* (pp. 161-175). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Silva, A. L. P., & Soares, D. H. P. (2001). A orientação profissional como rito preliminar de passagem: Sua importância clínica. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 6(2), 115-121.

Simões, C., Matos, M. G., & Batista-Foguet, J. (2008). Saúde e felicidade na adolescência: factores individuais e sociais associados às percepções de saúde e de felicidade dos adolescentes portugueses. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4, 19-38.

Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed

Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: Do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4, 1-11.

Sparta, M., Bardagi, M. P., & Andrade, A. M. J. (2005). Exploração vocacional e informação profissional percebida em estudantes carentes. *Aletheia*, 22, 79-88

Taylor, K. M., & Betz, N. E. (1983). Applications of self-efficacy theory to the understanding and treatment of career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 22(1), 63-81.

Teixeira, M. O. (2008). A abordagem sócio-cognitiva no aconselhamento vocacional: uma reflexão sobre a evolução dos conceitos e da prática da orientação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 9-16.

Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

Watts, A. G., & Sultana, R. G. (2004). Career guidance policies in 37 countries: contrasts and common themes. *International Journal for Educational and Vocational Guidance, 4*,105-122.

## Estudo 1

### **Otimismo, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional: diferenças de sexo e série escolar**

A avaliação psicológica pode ser utilizada nas práticas de OP e tem auxiliado profissionais no entendimento de características dos indivíduos. O objetivo do estudo foi avaliar os interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo em adolescentes e verificar diferenças em função das variáveis sexo e série escolar. Participaram 183 alunos de ambos os sexos, do 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio, com idade entre 13 e 19 anos. A aplicação aconteceu em sala de aula e os alunos responderam aos instrumentos Escala de Aconselhamento Profissional, Escala de Autoeficácia para Escola Profissional e LOT-R. Os resultados evidenciaram apenas diferenças significativas nos interesses. Nas dimensões Ciências exatas e Atividades burocráticas, os homens apresentaram média mais elevada que as mulheres; em ciências biológicas e da saúde e ciências agrárias e ambientais os alunos do 3º ano pontuaram mais. Esses dados podem auxiliar o entendimento das diferenças de características dos sujeitos que passam pelas intervenções em OP.

Palavras-chave: adolescência, interesses profissionais, escolha profissional

### **Optimism, professional interests and self-efficacy to professional choice: gender differences and school grade**

Psychological assessment can be used in the process of vocational guidance, and it has helped professionals understanding the characteristics of individuals. The aim of the study was to evaluate the professional interests, self-efficacy for professional choice and optimism in adolescents and verify differences according to age and school grade. Participated 183 students of both genders, from the 9th year of fundamental and 3rd year of high school, aged between 13 and 19 years participated in teaching. The application occurred in the classroom and students answered the instruments Escala de Aconselhamento Profissional, Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional e LOT-R. The results evidenced only significant differences in interests. In the dimensions of exact sciences and bureaucratic activities, men had higher average than women; in biological and health sciences, and agricultural and environmental sciences, students in 3rd year scored higher. This data can help understanding the differences in characteristics of subjects who pass through interventions in vocational guidance

Keywords: adolescence, professional interests, career choice

## INTRODUÇÃO

A Orientação Profissional (OP) apresenta como um dos seus principais objetivos a facilitação de tomada de decisão do indivíduo, bem como o auxílio na identificação e no enfrentamento das dificuldades com que se depara ao longo de todo processo de escolha profissional. As primeiras concepções de OP, carregavam o entendimento de que as pessoas que escolhiam ocupações relacionadas aos seus “reais” interesses e habilidades, tendiam a alcançar sucesso e satisfação pessoal e profissional (Holland & Holland, 1977; Hirschi, 2010). Outras perspectivas sobre o processo de OP enfatizam a questão desenvolvimental, ou seja, entendem que o desenvolvimento da carreira é um processo contínuo ao longo de todo ciclo vital, em que se consideram diversos aspectos como maturidade vocacional, interesses e capacidade de adaptação do indivíduo. Atualmente, em decorrência das características da economia e do mercado de trabalho, uma nova visão, que agrega conceitos anteriormente desenvolvidos, tem sido entendida como a que melhor apresenta respostas às necessidades dos indivíduos, que seria o paradigma da Construção de Vida (Duarte et al, 2010; Oliveira, Melo-Silva & Coleta, 2012

Ainda hoje, a OP acaba sendo mais procurada e também mais ofertada em um período específico da vida das pessoas, que é transição do ensino médio para o ensino superior. Habitualmente são adolescentes que fazem parte do processo e que carregam, além das expectativas individuais, as familiares, escolares e sociais. Dos jovens, espera-se que ao final do ensino médio, consigam ter clareza do que querem estudar. Aqueles que não conseguem ou não querem ingressar em uma universidade, espera-se, então, que consigam seu primeiro emprego (Okino, 2009; Primi, Moggi & Casellato, 2004).

Guichard (2012) enfatiza que na sociedade atual, a adolescência e idade adulta emergente (entre 20 e 25 anos) são consideradas momentos cruciais na definição do planejamento de vida profissional. É neste momento, mais enfaticamente, que os indivíduos

realizam experiências permitindo desenvolver o “saber fazer” e o “saber ser”, que serão conhecimentos fundamentais para tomada de decisões profissionais. Ainda, mais particularmente, impõe-se a reflexão sobre os interesses profissionais, um importante aspecto que pode direcionar e influenciar o processo de escolha profissional. Saber o que gosta e o que não gosta, muitas vezes pode ser a principal consideração para se começar a pensar na escolha daquilo que o jovem pretende fazer profissionalmente.

Sobre os interesses profissionais, sabe-se que é o construto mais investigado nos processos de OP (Ambiel & Polli, 2011; Noronha & Ambiel, 2006), bem como, pode ser considerado um dos pilares centrais do desenvolvimento de carreira e que podem desempenhar um papel fundamental na formação da identidade profissional (Hirschi, 2010). Apesar de amplamente avaliado, o construto interesses não possui uma única definição teórica, tampouco consenso quanto ao seu entendimento, o que não é especificidade deste construto (Athanasou & Van Esbroeck, 2007; Leitão & Miguel, 2004; Mattiazzi, 1977; Nunes, Okino, Noce & Jardim-Maran, 2008; Savickas, 1999).

Neste trabalho será considerada a perspectiva de Savickas (1999) que se refere aos interesses como a posição de um indivíduo em relação a um objeto, no que diz respeito à atenção que o objeto desperta, seja este prazeroso ou desprazeroso. Esta é a concepção adotada para a construção do instrumento Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) (Noronha, Sisto & Santos, 2007), um dos instrumentos utilizados na presente investigação.

Ainda dentro dos processos de OP um construto que tem ganhado destaque é o de autoeficácia, termo introduzido por Bandura em 1977, e posteriormente revisto, sendo atualmente entendido como a crença na capacidade pessoal de organizar e executar determinadas ações (Bandura, 1997; Maddux, 2002; Ambiel & Noronha, 2012a). Segundo Bandura (1997) a autoeficácia seria um dos principais mecanismos influenciadores das ações das pessoas, sendo que estas tendem a se envolverem nas atividades que acreditam

ser capazes de executar e que esperam resultados positivos. Além disso, a autoeficácia deve ser pensada em termos de domínios específicos do comportamento, e não como um conceito geral, estando relacionada a contextos e habilidades, a exemplo de autoeficácia para o controle de peso, para a aprendizagem, para interações sociais, entre outros.

A autoeficácia foi utilizada como base para o desenvolvimento da proposta da Teoria Social Cognitiva de Desenvolvimento de Carreira (TSCDC), para entender os processos envolvidos nas escolhas de carreira (Lent, Brown & Hackett, 1994; Lozano, 2006; Silva, Paixão & Albuquerque, 2009). A TSCDC tenta explicar o desenvolvimento de carreira, os interesses acadêmicos, os processos de escolha de carreira e os resultados obtidos, por meio de contínuos processos da aprendizagem, em que se sobressaem as crenças de autoeficácia, as expectativas de resultado, os objetivos e as forças auto-regulatórias do comportamento.

Aspecto principal da TSCDC é a formação dos interesses profissionais por meio da influência das crenças de autoeficácia. A autoeficácia e as expectativas de resultado contribuem favoravelmente para moldar os interesses de carreira. O interesse numa atividade é incrementado em situações em que os indivíduos se percebem como competentes para isso e têm expectativas positivas de resultado (Lent et al, 1994; Lent, Hackett & Brown, 2004).

Coimbra e Fontaine (2010), Silva et al (2009), Lent et al (2004) e Lozano (2006) consideram que a autoeficácia se revelou um conceito bastante útil para avaliação e facilitação do processo de desenvolvimento de carreira, especialmente nos últimos 30 anos, pois serão essas crenças que servirão de guia para as escolhas profissionais, muitas vezes mais que os interesses profissionais. Muitas pessoas acabam optando por determinada ocupação que elas acreditam terem mais competência, e não as que mais lhes interessam. Os autores entendem que o processo de escolha de carreira é dinâmico e muito influenciado pelas experiências de vida.

Lent et al (2004) propõem que as intervenções em OP devam promover as crenças de autoeficácia e resultados realistas e positivos em estudantes, por meio da identificação dos interesses e metas que estes tenham. Também se destaca que considerar aspectos desenvolvimentais é importante, tal como a idade. Bandura (1997) e Lent et al (1994) colocam que a partir do aumento da idade observa-se um aumento do realismo das auto-percepções, especialmente em termos de eficácia pessoal.

A questão do sexo também pode ser uma variável importante a ser considerada na formação dos interesses e autoeficácia. Bandura (1986, 1997) sugere que há diferenças nas crenças de autoeficácia no âmbito da escolha ocupacional, e que estes estereótipos estão relacionados às expectativas distintas dos professores, colegas e pela influência da cultura (televisão, livros de história, material didático, entre outros). Betz e Hackett (1981) sugerem que apesar de existirem influências estruturais e sociais na escolha de carreira, a autoeficácia é um mediador importante destas influências externas e tem uma influência direta na escolha de carreira. Para os autores, as diferenças de sexo que emergem nas escolhas vocacionais de homens e mulheres estão fortemente associadas a diferenças nos domínios da autoeficácia, ou seja, os homens percebem-se como competentes em todas as carreiras, enquanto as mulheres têm percepção das suas capacidades em carreiras tradicionalmente femininas, sentindo ineficácia para carreiras tradicionalmente masculinas.

As discussões sobre as diferenças de interesse entre homens e mulheres estão presentes na literatura há muito tempo e pode-se considerar o sexo como a variável que mais se associa a variação dos interesses (Su, Rounds & Armstrong, 2009). A este respeito, a teoria da Circunscrição e Compromisso de Gottfredson (2002, 2005) tem bastante destaque, sendo que a autora se embasa em perspectivas desenvolvimentistas e sociológicas, considerando que as pessoas distinguem suas opções ocupacionais a partir de três dimensões, gênero ou tipo sexual das carreiras, seu prestígio social e interesses

profissionais. É durante a adolescência que ocorre a interação entre essas dimensões e o autoconceito dos sujeitos, levando a um processo de exploração vocacional que se orienta pela circunscrição de possibilidades aceitáveis de escolha de carreira (Gottfredson, 2002, 2005).

Pesquisas têm confirmado esse aspecto da diferença entre sexos e reforçam os pressupostos teóricos, como por exemplo, a de Coimbra e Fontaine (2010) que teve como objetivo avaliar os interesses ocupacionais e quatro dimensões de autoeficácia (ocupacional, matemática, acadêmica e generalizada) em alunos portugueses do final do 9.º ano de escolaridade. Para tanto utilizaram uma escala de autoeficácia ocupacional e para avaliar os interesses, uma listagem com 20 profissões, sendo 10 tipicamente masculinas e 10 femininas. Os achados indicaram que as preferências profissionais se diferenciaram em função do estereótipo das profissões, ou seja, as meninas preferiram mais ocupações femininas e os meninos, as masculinas. Sobre a autoeficácia ocupacional, as diferenças também foram no sentido das características das profissões, sendo que os meninos se sentem mais autoeficazes para trabalhos com características masculinas.

Em relação à avaliação dos interesses profissionais, Carvalho (2012) objetivou analisar a relação entre sexo e interesses em 486 estudantes portugueses do nono ano escolar, com média de idade de 15 anos. Para tanto o autor utilizou a versão portuguesa do instrumento COPS – *Career Occupational Preference System Interest Inventory*. Os dados revelaram que os estudantes do sexo masculino têm interesse mais elevado que as mulheres nas áreas de tecnologia e negócios, ou seja, preferem mais atividades relacionadas a engenharia, projetos, trabalhos manuais, construção e instalação ou reparação de produtos. Além disso, preferem atividades que possam ser realizadas ao ar livre. Por outro lado, as mulheres apresentaram um perfil de interesse relacionado ao cuidado com o outro, prestação de serviços, lidar com comunicação oral e escrita bem como a possibilidade de

expressar seus talentos (pintura, escultura, arquitetura, composição musical, design, fotografia).

As considerações dos autores dessas pesquisas (Coimbra & Fontaine, 2010; Carvalho, 2012) são de que há necessidade dos processos de OP proporem intervenções que discutam e possam diminuir esses estereótipos de gênero nas profissões. E que, além disso, as intervenções possibilitem a exploração e conhecimento de diferentes possibilidades de ocupações.

Especificamente, a autoeficácia para atividade profissional pode ser entendida como a confiança dos indivíduos para se engajar em tarefas de decisão profissional (Ambiel, 2010). Neste sentido, Ambiel e Noronha (2012b) propuseram o desenvolvimento da Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP). Segundo os autores, a justificativa para o uso da escala em processos de OP acontece à medida que ela possibilita o levantamento de necessidades de intervenção para que os orientandos desenvolvam um adequado senso de confiança e atitudes positivas no sentido da realização da escolha profissional. Outro importante elemento é que ela oportuniza ao jovem a reflexão sobre a necessidade de engajamento em algumas situações ainda ausentes em seu repertório.

A partir da concepção de que os indivíduos podem e devem ser auxiliados no processo de autoconhecimento para posteriormente pensarem no seu projeto de vida profissional, pode-se entender a OP como uma prática propiciadora de bem-estar e, de forma geral, de saúde. Nesse sentido, encontra-se o movimento da Psicologia Positiva, que tem como premissa que cabe à Psicologia não apenas reparar o que está 'errado', mas também identificar e fortalecer o que está 'bom'. Desta forma, tanto o conhecimento das forças e virtudes como um trabalho de promoção, poderia propiciar o florescimento das pessoas, ou seja, levar a uma condição que permita o desenvolvimento saudável e positivo dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais dos seres humanos (Peterson & Seligman,

2004; Seligman, 2002). Parece haver uma proximidade entre a psicologia positiva e OP, visto que as duas áreas buscam trabalhar com as potencialidades do indivíduo, seja na identificação ou na promoção destas. Proyer, Sidler, Weber e Ruch (2012), ao estudarem forças de caráter e interesses profissionais, enfatizam que o entendimento dessa relação pode levar a uma prática de OP mais completa, pois permite um conhecimento amplo do sujeito de modo que os pontos fortes sejam trabalhados para facilitar os processos de tomada de decisão.

Dentre os construtos estudados pela psicologia positiva destaca-se o otimismo disposicional, compreendido como uma tendência estável da pessoa acreditar que coisas boas acontecerão com ela, em vez de coisas ruins. Nesse sentido, a expectativa é um aspecto fundamental da teoria, e é avaliada diretamente, quando se solicita às pessoas que indiquem o quanto acreditam que seus resultados futuros serão bons ou ruins. Otimistas são pessoas que esperam que boas coisas aconteçam, enquanto pessimistas esperam que coisas ruins aconteçam (Bastianello, 2011; Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985; Snyder & Lopez, 2009).

Os autores desta teoria, Carver e Scheier (2002), enfatizam que otimismo e pessimismo são características de personalidade que influenciam a forma como as pessoas se colocam diante dos eventos da vida. Especialmente, são importantes aspectos a serem considerados quando as pessoas se deparam com problemas e desafios. Ou seja, a forma como irão responder a isso, dependerá da visão mais otimista ou pessimista que se tem. Para medir o otimismo sob a perspectiva disposicional há o instrumento *Revised Life Orientation Test (LOT-R)* (Scheier & Carver, 1985; Scheier, Carver & Bridges, 1994), amplamente utilizado em diversos contextos da psicologia, sendo que as pesquisas tem evidenciado aspectos como consistência entre otimismo e melhor desempenho no trabalho, nos estudos, nos relacionamentos e no enfrentamento de situações adversas, além de indicar

alta correlação positiva entre pessimismo e doenças físicas e mentais (Carver, Scheier, & Segerstrom, 2010; Bastianello, 2011; Snyder & Lopez, 2009).

No contexto da orientação profissional, Campos (2013) investigou a indecisão profissional e otimismo disposicional em 145 alunos do ensino fundamental e médio que frequentavam uma instituição de ensino técnico-profissional ligada à inserção do jovem no mercado de trabalho como aprendiz. O instrumento utilizado foi o LOT-R, em sua versão brasileira. A respeito da avaliação do otimismo, os achados indicaram que os participantes se mostraram mais otimistas que pessimistas e, além disso, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas sobre otimismo em relação às variáveis idade, sexo, tipo de escola (pública ou particular). A ausência de diferença no otimismo em relação ao sexo também foi evidenciada em outros dois estudos brasileiros, desenvolvidos no Rio Grande do Sul, um com amostra de 844 estudantes universitários (Bastianello, Pacico, Zanon, Reppold & Hutz, 2012) e outro com 440 adolescentes entre 14 e 18 anos, estudantes de ensino médio de duas escolas públicas (Bastianello, Pacico, Zanon, Reppold & Hutz, 2013).

No contexto português, Gaspar, Ribeiro, Matos, Leal e Ferreira (2009), avaliaram o otimismo em 3195 alunos dos 5º e 7º anos de escolaridade, com idades entre 10 e 16 anos. Foram encontradas diferenças significativas no otimismo, no qual os homens obtiveram média mais elevada que as mulheres. Em relação à idade, os participantes mais novos, com idade entre 10 e 11 anos, apresentaram valores significativamente superiores em otimismo quando comparados com as crianças com 12 anos ou mais. Devido a essas divergências nos resultados, novas investigações devem ser realizadas para melhor compreensão da variável sexo, como um fator determinante ou não, para as expectativas positivas e negativas das pessoas com relação a eventos futuros.

Os estudos a respeito da avaliação dos interesses profissionais estão disponíveis de forma mais abundante na literatura nacional, enquanto que de forma menos presente encontram-se os que tratam da autoeficácia para escolha profissional e otimismo. Avaliar esses três aspectos em jovens pode ser uma importante forma de ampliar as informações sobre o processo de avaliação psicológica em OP, fornecendo aos profissionais, novas possibilidades de medida e contextualização dessas informações na prática interventiva.

Diante do que foi apresentado, o objetivo do presente estudo é avaliar os interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo em alunos do 9º ano do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio e verificar as diferenças em função das variáveis sexo e série escolar.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Fizeram parte do estudo 183 alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais. Destes, 47% eram homens e 52,5% mulheres, e um sujeito (0,5%) não informou este dado. A idade variou de 13 a 19 anos ( $M=15,77$ ;  $DP=1,74$ ). Quanto à distribuição da escolaridade, 51,4% era aluno do 9º ano do ensino fundamental e 48,6% do 3º ano do ensino médio.

### **Instrumentos**

Foram utilizados três instrumentos, Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) e *Revised Life Orientation Test* – LOT-R

A EAP foi desenvolvida por Noronha et al (2007) e é um instrumento de autorrelato e parte do pressuposto de que as profissões são escolhidas em função das preferências que as pessoas tem em relação à algumas características das ocupações, e não a outras, de modo que a reunião de várias delas, configura um determinado campo de interesse. A escala é composta por 61 itens que representam várias possibilidades profissionais. Seu formato é

tipo *Likert*, sendo que as respostas variam de frequentemente (5) a nunca (1), de acordo com o interesse da pessoa avaliada em desenvolver cada atividade. Os itens do instrumento estão organizados em sete dimensões, a saber, Ciências Exatas, composta por 14 itens; Artes e Comunicação, também com 14 itens; Ciências Biológicas e da Saúde, contendo 9 itens; Ciências Agrárias e Ambientais, com 13 itens; Atividades Burocráticas, também composta por 13 itens; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com 10 itens; e Entretenimento, composta por 6 itens. Os dados psicométricos evidenciam estudos de validade de construto, convergente-discriminante e dados de precisão, disponíveis tanto no manual técnico como em diversos artigos científicos.

A Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) foi desenvolvida por Ambiel e Noronha (2012b). A escala possui 47 itens, distribuídos em quatro fatores. O estímulo ao qual as pessoas respondem é “quanto você acredita na sua capacidade de:” e deve ser respondido em escala tipo *Likert* de quatro pontos, sendo 1 “pouco” e 4, “muito”, e a pontuação bruta pode variar entre 47 e 188 pontos. O instrumento é destinado para estudantes das três séries de ensino médio de escolas públicas e particulares.

O primeiro fator, denominado “Autoeficácia para Autoavaliação”, avalia as crenças das pessoas sobre suas capacidades para escolher uma profissão a partir do conhecimento de suas próprias características pessoais, opiniões, interesses e habilidades e por meio de comparações de suas características e valores com o que uma profissão demanda. O fator “Autoeficácia para Coleta de Informações Ocupacionais” avalia o quanto as pessoas acreditam que podem, organizada e efetivamente, buscar informações sobre as profissões, utilizando-se de diversos meios e estratégias, tais como pesquisas na internet, busca de reportagens e participação em cursos. Os itens do fator versam sobre a capacidade para organizar listas de profissões e metas e utilizar meios de comunicação diversos para que se possa conhecer efetivamente a profissão e o curso de interesse. O terceiro fator é

“Autoeficácia para Busca de Informações Profissionais Práticas” e avalia as crenças das pessoas de que podem obter informações importantes sobre o mundo do trabalho por meio de relacionamentos interpessoais. Esse fator tem uma dimensão social envolvida, que alude à aprendizagem profissional de forma vicária, ou seja, pela observação direta de modelos desempenhando suas funções. O último fator “Autoeficácia para Planejamento de Futuro” avalia o quanto as pessoas acreditam que podem considerar questões relativas à futura formação e atuação profissional no momento da escolha profissional. O cerne está no adolescente se perceber capaz de levar em conta, em um momento em que ainda está iniciando o processo de decisão profissional, algumas variáveis que possivelmente venha a acometer durante a formação ou mesmo quando já estiver no mercado de trabalho e entende-se que essas crenças possam favorecer um melhor planejamento das ações de escolhas e inserção profissional.

Os estudos de normatização, padronização e parâmetros psicométricos foram realizados com uma amostra de 1.318 pessoas, sendo 553 homens e 743 mulheres (56,4%), com idades que variaram entre 14 e 21 anos, e deste total, 836 estudantes (63,4%) eram de escolas públicas e 482 (36,6%) de escolas particulares, de quatro diferentes cidades do interior de São Paulo e uma de Minas Gerais. Os estudos realizados com a EAE-EP indicam que ela avalia o construto em questão e apresenta evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e nas relações com outras variáveis, além de níveis satisfatórios de fidedignidade.

O *Revised Life Orientation Test* – LOT-R, é um teste de autorrelato que mede o otimismo disposicional, por meio de 10 itens, sendo três afirmativas sobre otimismo (itens 1, 4 e 10), três sobre pessimismo (itens 3, 7 e 9) e quatro itens distratores (2, 5, 6, 8) cujos escores não são computados. Os sujeitos respondem as afirmativas indicando seu grau de concordância em uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de discordo plenamente até

concordo plenamente. Os dados do LOT-R na sua versão original indicam boa consistência interna (alfa de *Cronbach* varia de 0,70 a 0,80) e suas correlações teste-reteste são de 0,68 a 0,79 para intervalos de 4 a 28 meses (Scheier et al., 1994). A versão em português do LOT-R foi estudada por Bastianello (2011) e os dados indicam a possibilidade de uso no Brasil.

#### Procedimento

Após autorização da escola para realizar a coleta de dados, o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, tendo recebido parecer favorável para sua execução (CAAE: 07812612.6.0000.5514). A coleta foi realizada nas dependências da escola, em horário regular de aula. Os alunos menores de idade levaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para ser assinado por um responsável. Só participaram da pesquisa aqueles que tiveram autorização e concordaram com isso. Os alunos maiores de idade que concordaram em participar assinaram o TCLE e, em seguida, responderam os instrumentos. A ordem de aplicação foi primeiro EAP, depois LOT-R e por fim, EAE-EP. O tempo médio para aplicação foi de 30 minutos.

## RESULTADOS

Considerando os objetivos propostos neste estudo, os dados foram analisados quantitativamente utilizando procedimentos de estatística descritiva e inferencial, realizadas por meio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). A partir da utilização dos instrumentos EAP, EAE-EP e LOT-R foi realizada a investigação das diferenças entre estudantes em função do sexo e série escolar por meio do teste *t* de *Student*.

Para verificação de possíveis diferenças de interesses, autoeficácia para escolha profissional e otimismo em razão do sexo, foi realizada a prova *t* de *Student*. Os dados estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1

*Diferença de média em relação ao sexo*

	<i>Sexo</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Otimismo	Masculino	85	4,23	0,684	1,650	0,101
	Feminino	96	4,03	0,866		
Pessimismo	Masculino	85	2,05	0,965	-0,124	0,902
	Feminino	96	2,06	1,031		
Autoavaliação	Masculino	86	3,27	0,493	-0,324	0,746
	Feminino	96	3,29	0,439		
Coleta de informações Ocupacionais	Masculino	86	3,20	0,657	-0,999	0,319
	Feminino	96	3,28	0,506		
Busca de informações profissionais práticas	Masculino	86	3,10	0,639	1,119	0,265
	Feminino	96	2,99	0,675		
Planejamento de Futuro	Masculino	86	3,27	0,555	-0,388	0,698
	Feminino	96	3,31	0,575		
EAEEP geral	Masculino	86	3,22	0,510	-0,106	0,915
	Feminino	96	3,22	0,466		
Ciências Exatas	Masculino	86	2,77	0,930	4,824	<b>0,000</b>
	Feminino	96	2,19	0,687		
Artes e comunicação	Masculino	86	2,33	0,818	-1,280	0,202
	Feminino	96	2,48	0,789		
Ciências biológicas e da saúde	Masculino	86	2,64	0,912	-0,271	0,787
	Feminino	96	2,68	1,042		
Ciências agrárias e ambientais	Masculino	86	2,85	0,890	1,430	0,154
	Feminino	96	2,68	0,797		
Atividades burocráticas	Masculino	86	2,73	0,811	2,077	<b>0,039</b>
	Feminino	96	2,49	0,797		
Ciências Humanas e sociais aplicadas	Masculino	86	2,47	0,804	-0,131	0,896
	Feminino	96	2,49	0,707		
Entretenimento	Masculino	86	2,27	0,850	-1,382	0,169
	Feminino	96	2,46	1,037		

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas em duas dimensões da EAP, Ciências exatas e Atividades burocráticas, sendo que os homens apresentaram médias mais elevadas que as mulheres. Esse dado revela que os homens preferem mais atividades que envolvam o uso de cálculos, foco em atividades financeiras, estruturar e manter bases de dados, classificar e organizar documentos, analisar e

interpretar dados numéricos, assim como cuidar de princípios e normas relativos à arrecadação de impostos, taxas e obrigações tributárias. Também revela interesses em conduzir processos de seleção, admissão e demissão e mediar relações entre empresa e colaboradores. Em relação aos demais instrumentos não foram observadas diferenças significativas quanto ao sexo.

A avaliação da diferença de média de interesse, autoeficácia e otimismo em relação à série cursada também revelou poucos dados significativos. Foi realizada a prova *t* de *Student*, de modo que os dados estão na Tabela 2.

Tabela 2

*Diferença de média em relação a serie cursada*

	<i>Série</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Otimismo	3º ens. Médio	89	4,19	0,794	1,209	0,228
	9º ano	93	4,05	0,781		
Pessimismo	3º ens. Médio	89	2,16	0,982	1,305	0,194
	9º ano	93	1,97	1,018		
Autoavaliacao	3º ens. Médio	89	3,32	0,476	1,159	0,248
	9º ano	94	3,24	0,450		
Coleta de informações ocupacionais	3º ens. Médio	89	3,29	0,642	1,239	0,217
	9º ano	94	3,18	0,521		
Busca de informações profissionais práticas	3º ens. Médio	89	3,14	0,674	1,889	0,060
	9º ano	94	2,96	0,632		
Planejamento de Futuro	3º ens. Médio	89	3,35	0,590	1,523	0,130
	9º ano	94	3,22	0,537		
EAEEP geral	3º ens. Médio	89	3,28	0,514	1,650	0,101
	9º ano	94	3,16	0,451		
Ciências Exatas	3º ens. Médio	89	2,55	0,874	1,247	0,214
	9º ano	94	2,39	0,838		
Artes e comunicação	3º ens. Médio	89	2,38	0,877	-0,386	0,700
	9º ano	94	2,43	0,731		
Ciências biológicas e da saúde	3º ens. Médio	89	2,84	0,997	2,491	<b>0,014</b>
	9º ano	94	2,49	0,931		
Ciências agrárias e ambientais	3º ens. Médio	89	3,05	0,786	4,691	<b>0,000</b>
	9º ano	94	2,49	0,812		
Atividades burocráticas	3º ens. Médio	89	2,70	0,883	1,685	0,094
	9º ano	94	2,50	0,738		
Ciências humanas e sociais aplicadas	3º ens. Médio	89	2,59	0,803	1,846	0,067
	9º ano	94	2,38	0,687		
Entretenimento	3º ens. Médio	89	2,40	1,003	0,409	0,683
	9º ano	94	2,34	0,911		

Novamente, os dados significativos referem-se aos interesses profissionais, especificamente, dois deles, Ciências biológicas e da saúde e Ciências agrárias e ambientais. As maiores médias foram obtidas pelos alunos do 3º ano do ensino médio, indicando que estes alunos preferem mais atividades relacionadas a cuidados, como orientação, prevenção e reabilitação, visando a recuperação do ser humano, incluindo

também o contato com animais, além de preocupação com as questões ambientais, voltadas ao solo, aos animais e, em geral, aos riscos químicos e biológicos.

## **DISCUSSÃO**

Esta investigação pretendeu verificar as diferenças de médias em relação a três construtos, interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo disposicional, nas variáveis sexo e série escolar. Ressalta-se que ainda não há na literatura estudo que tenha realizado essa avaliação, com os instrumentos aqui utilizados.

Os dados encontrados não foram em sua maioria significativos. Sobre a série cursada, duas dimensões de interesses apresentaram diferenças, Ciências agrárias e ambientais e Ciências biológicas e da saúde, o que indica que os estudantes do terceiro ano têm preferência maior por elas. A partir das colocações de Bandura (1995) e Lent et al (1994), sobre o aumento da percepção de eficácia com o aumento da idade, esperava-se que os indivíduos mais velhos, ou seja, aqueles que estavam cursando o ensino médio tivessem uma clareza maior dos seus interesses profissionais e também uma melhor percepção das suas capacidades, mas isso não foi evidenciado pelos dados. Isso também aconteceu na amostra de normatização do instrumento EAE-EP, quando os autores não encontraram diferenças significativas nas variáveis idade e série (Ambiel & Noronha, 2012b). Esses dados indicam a importância de se explorar mais a variável série, visto que há a expectativa teórica de encontrar diferenças.

Sobre as diferenças encontradas em razão do sexo, com os homens preferindo mais as dimensões Ciências exatas e Atividades burocráticas, pode-se verificar concordância com os achados de Coimbra e Fontaine (2010) e Carvalho (2012), bem como com os pressupostos teóricos de Bandura (1986, 1997), Betz e Hackett (1981) nos quais os homens também se destacaram pela preferência por atividades relacionadas à engenharia e projetos, ainda tidas como atividades mais masculinas. Apenas em relação ao interesse na dimensão

Atividades burocráticas, que indica preferência por conduzir processos de seleção, admissão e demissão e mediar relações entre empresa e colaboradores, não houve concordância entre a presente pesquisa e a de Carvalho (2012), mas é possível considerar que as características dessa dimensão não se configuram nos estereótipos de profissões masculinas ou femininas.

A ausência de diferenças significativas na autoeficácia para escolha profissional em relação ao sexo, é um elemento que pode ser melhor investigado e discutido. Kumar, Silva e paixão (2007) consideram que é possível analisar as diferenças em percepção de autoeficácia, a partir da constatação de que os homens são mais expostos a fontes diversificadas no contexto específico de carreira, que auxiliam o desenvolvimento das crenças de suas próprias capacidades. Uma hipótese que pode ser levantada é que essa exposição a situações mais relacionadas às possibilidades profissionais, talvez seja oportunizada de forma mais igualitária na amostra aqui investigada.

A respeito do otimismo, não foram encontradas diferenças significativas, mas é possível verificar que os sujeitos apresentaram maior pontuação em otimismo. Este mesmo dado foi encontrado no estudo de Campos (2013) no qual os sujeitos apresentaram uma visão mais otimista da vida, embora os dados não tenham sido significativos. A esse respeito, das diferenças significativas, os achados da presente pesquisa corroboram os encontrados por Bastianello et al (2012) e Bastianello et al (2013), pois homens e mulheres não se diferenciaram no otimismo, sejam eles adultos ou adolescentes. De forma divergente, os dados de Gaspar et al (2009) indicam que crianças do sexo masculino avaliadas por meio do LOT-R, eram mais otimistas que as mulheres.

O construto otimismo disposicional está começando a ser estudado no Brasil, e o instrumento disponível para sua avaliação também tem sido objeto de pesquisa. De acordo com Snyder e Lopez (2009), as qualidades positivas dos jovens, se combinadas com os

recursos do ambiente e os agentes positivos, tendem a gerar competências psicológicas e físicas que facilitam a transição para a vida adulta. Desta forma, evidencia-se que novas investigações deverão ser conduzidas, para verificação da utilidade do instrumento no contexto brasileiro. Também se deve considerar a necessidade de ampliar as possibilidades de avaliação nas intervenções de OP, que possibilitem um conhecimento mais completo do indivíduo, o que pode favorecer o autoconhecimento. O estudo apresentado alcançou seus objetivos, mas há limitações. A amostra reduzida, de apenas uma escola pública é um fator que deve ser considerado. Além disso, há escassez de pesquisas sobre o otimismo e autoeficácia para escolha profissional no contexto brasileiro, o que pode dificultar a compreensão dos fenômenos considerando o contexto que a pesquisa é realizada.

**REFERÊNCIAS**

Ambiel, R. A. M. (2010). *Construção da escala de autoeficácia para escolha profissional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade São Francisco. Itatiba.

Ambiel, R. A. M., & Polli, M. F. (2011). Análise da Produção Científica Brasileira sobre Avaliação Psicológica em Orientação Profissional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina* 2(1), 103-121

Ambiel, R. A. M., & Noronha, A. P. P. (2012a). Autoeficácia para Escolha Profissional: Teoria, Pesquisas e Avaliação. *Psicologia em Pesquisa*, 6, 171-178

Ambiel, R. A. M., & Noronha, A. P. P. (2012b). *Escala de autoeficácia para escolha profissional – EAE-EP*. Manual técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Athanasou, J. A., & Van Esbroeck, R. (2007). Multilateral perspectives on vocational interests. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 7, 1-3.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.

Bastianello, M. R. (2011). *Adaptação e Validação do Teste para Avaliação de Otimismo LOT-R e suas Relações com Autoestima e Personalidade*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Bastianello, M. R., Zanon, C., Pacico, J. C., Reppold, C., & Hutz, C. S. (2012). *Otimismo, autoestima e personalidade: estudos de adaptação e validação brasileira do Revised Life Orientation Test LOT-R*. Manuscrito submetido.

Bastianello, M. R., Pacico, J. C., Zanon, C., Reppold, C., & Hutz, C. S. (2013). *Adaptation and validation of the Revised Life Orientation Test (LOT-R) for Brazilian adolescents*. Manuscrito submetido.

Betz, N. E., & Hackett, G. (1981). The relationship of career-related self-efficacy expectations to perceived career options in college women and men. *Journal of Counseling Psychology, 28*, 399-410.

Campos, R. R. F. (2013). *Indecisão Profissional e Otimismo em Jovens Aprendizizes*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.

Carvalho, R. G. G. (2012). Pessoas versus Coisas: Sobre as diferenças de género nos interesses profissionais *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 13*(2), 173-182.

Carver, S. C., & Scheier, M. F. (2002). Optimism. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 231-243). New York: Oxford University Press.

Carver, S. C.; Scheier, M.F. & Segerstrom, S.C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review, 30*, 879-889.

Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2010). Será que sou capaz? Estudo diferencial de auto-eficácia com alunos do nono ano. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 11* (1), 5-22.

,Duarte, M. E., Lassance, M. C., Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Van Vianen, A. E. M. (2010). A Construção da Vida: Um Novo Paradigma para Entender a Carreira no Século XXI. *Interamerican Journal of Psychology, 44* (2), 392-406.

Gaspar, T., Ribeiro, J. L. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2009). Optimismo em crianças e adolescentes: adaptação e validação do LOT-R. *Psicologia Reflexão e Crítica* 22 (3), 439-446.

Gottfredson, L. S. (2002). Gottfredson's theory of circumscription, compromise and self creation. Em S. D. Brown e cols. (Org.). *Career choice and development* (pp. 85-148). San Francisco: Jossey Bass.

Gottfredson, L. S. (2005). Applying Gottfredson's Theory of circumscription and compromise in career guidance and counseling. Em S. D. Brown & S. W. Lent (Org.), *Career development and counseling: putting theory and research to work* (pp. 71-100). New Jersey: John Wiley & Sons.

Guichard, J. (2012). Quais os desafios para o aconselhamento em orientação no início do século 21?. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 139-152.

Hirschi, A. (2010). Individual predictors of adolescents' vocational interest stabilities. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 10(1), 5-19.

Holland, J. L. & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 404-414.

Kumas, M. E., Silva, J. T., & Paixão, M. P. (2007). Os projectos de vida nos estudantes do ensino superior: relações com optimismo e auto-eficácia de carreira. *Psychologica*, 44, 45-62.

Lassance, M. C., & Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4, 13-19.

Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2004). Avaliação dos interesses. Em: Leitão, L. M. (Org.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 179-262). Coimbra: Quarteto.

Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Towards a unifying social cognitive theory of career and academic interests, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45(1), 79-122.

Lent, R. W., Hackett, G., & Brown, S. D. (2004). Una perspectiva social cognitiva de la transición entre la escuela y el trabajo. *Evaluar*, 4, 1-22.

Lozano, S. (2006). Validación de un modelo de medida de la auto-eficacia en la toma de decisión de la carrera. *Revista de Investigación Educativa*, 24(2), 423-442.

Maddux, J. E. (2002). Self-Efficacy: The Power of Believing You Can. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 277-287). New York: Oxford University Press.

Mattiazzi, B. (1977). *A natureza dos interesses e a orientação vocacional*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2006). Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. *PsicoUSF*, 11(1), 75-84.

Noronha, A. P. P., Sisto, F. F., & Santos, A. A. A. (2007). *Escala de Aconselhamento Profissional – EAP Manual de Aplicação*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica.

Nunes, M. F. O., Okino, E. T. K., Noce, M. A., & Jardim-Maran, M. L. C. (2008). Interesses profissionais: perspectivas teóricas e instrumentos de avaliação. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 403-414

Okino, E. T. K. (2009). *O SDS e o BBT-Br em Orientação Profissional: evidências de validade e precisão*. (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Oliveira, M. C., Melo-Silva, L. L., & Coleta, M. F. D. (2012). Pressupostos teóricos de super: datados ou aplicáveis à psicologia vocacional contemporânea?. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 223-234.

Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). Introduction to a “Manual of the Sanities”. Em C. Peterson, C. & M. E. P. Seligman (orgs). *Character Strengths and Virtues: A Handbook and Classification* (pp. 3-30). New York: Oxford University Press.

Primi, R., Moggi, M. A., & Casellato, E. O. (2004). *Estudo correlacional do Inventário de Busca Auto Dirigida (Self-Directed Search) com o IFP. Psicologia Escolar Educacional*, 8(1), 47-54.

Proyer, R. T., Sidler, N., Weber, M. & Ruch, W. (2012). A multi-method approach to studying the relationship between character strengths and vocational interests in adolescents. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 12(2), 141-157.

Savickas, M. L. (1999). The psychology of interests. Em M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.), *Vocational interests: Meanings, measurements and counseling use* (pp. 19-56). Palo Alto, CA: Davies-Black.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implication of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219–247.

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self- esteem) – a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063-1078.

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (2001). Optimism, pessimism, and psychological well-being. Em E. C. Chang (Ed.), *Optimism and pessimism: Implications for theory, research, and practice* (pp. 189–216). Washington, DC: American Psychological Association.

Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.

Silva, J. T., Paixão, M. P., & Albuquerque, A. M. (2009). Características psicométricas da versão portuguesa da Career Decision Self-Efficacy Scale-Short Form (CDSE-SF). *Psychologica*, *51*, 27-46.

Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.

Su, R., Rounds, J., & Armstrong, P. I. (2009). Men and things, women and people: A meta-analysis of sex differences in interests. *Psychological Bulletin*, *135*, 859-884.

## **Estudo 2**

### **Relações entre otimismo, autoeficácia para escolha profissional e interesses profissionais**

O otimismo disposicional entendido como uma tendência estável da pessoa acreditar que coisas boas acontecerão com ela, em vez de coisas ruins, indica que há uma tendência das pessoas serem mais otimistas nas atividades que possuem confiança da sua capacidade. A crença do indivíduo na sua capacidade de realizar uma ação é a definição de autoeficácia, que tem um papel importante na formação dos interesses profissionais. O objetivo da presente investigação é verificar a influência do otimismo na formação dos interesses profissionais e autoeficácia para escolhas profissionais, e a influência da autoeficácia nos interesses profissionais. Os participantes foram 183 alunos, entre 13 e 19 anos, do 9<sup>a</sup> ano ensino fundamental e 3<sup>o</sup> ano do ensino médio. A avaliação foi realizada a partir da aplicação coletiva dos instrumentos LOT-R, Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional e Escala de Aconselhamento Profissional. Os achados indicaram que o otimismo contribui na formação da autoeficácia e também na formação dos interesses específicos em ciências exatas, ciências agrárias e atividades burocráticas. Evidencia-se a necessidade de ampliação dos estudos que busquem compreender a relação entre os construtos, especialmente no âmbito da orientação profissional.

Palavras-chave: orientação profissional, adolescência, avaliação psicológica

### **Relations between optimism, self-efficacy for professional choice and professional interests**

The dispositional optimism, comprehended as a stable tendency of people to believe that good things will happen to them, instead of bad things, indicates that there is a tendency for people to be more optimistic in activities that have confidence in their ability. The individual's belief in their ability to perform an action is the definition of self-efficacy, which has an important role in the formation of professional interests. The objective of this research is to investigate the influence of optimism in the formation of professional interests and self-efficacy for professional choice, and the influence of self-efficacy in professional interests. Participants were 183 students between 13 and 19 years, from the 9th year of fundamental and 3rd year of high school. The evaluation was performed from the collective application of the instruments LOT-R, Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional e Escala de Aconselhamento Profissional. The findings indicate that optimism contributes to the formation of self-efficacy and also in the formation of specific interests in exact sciences, agricultural sciences and bureaucratic activities. Highlights the need to increase studies that aim to understand the relationship between the constructs, especially in vocational guidance.

Keywords: professional orientation, adolescence, psychological evaluation

## INTRODUÇÃO

O otimismo disposicional, à luz da psicologia positiva, pode ser entendido como uma tendência estável da pessoa acreditar que coisas boas acontecerão com ela, em vez de coisas ruins. O ponto de partida da teoria do otimismo disposicional é um modelo de auto-regulação de conduta, ou seja, quando surgem dificuldades, as expectativas de resultados favoráveis levam a um maior esforço da pessoa para alcançar seus objetivos e as expectativas desfavoráveis reduzem os esforços, podendo chegar ao ponto de desistência (Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985). De acordo com esta perspectiva, os indivíduos otimistas são aqueles que, quando confrontados com dificuldades ou adversidades, têm a expectativa de ultrapassar as situações e de alcançar resultados positivos, enquanto os indivíduos pessimistas, frente às dificuldades, esperam resultados negativos. Estas expectativas podem levar ao aparecimento de sentimentos como a ansiedade, culpa, raiva, tristeza ou desespero (Carver & Scheier, 2002; Monteiro, 2008)

A teoria do otimismo disposicional possui dois elementos importantes que compõem a definição de expectativas, quais sejam, o objetivo e o senso de confiança. Todo comportamento aponta para a perseguição de uma meta, de fins ou de valores que as pessoas entendem como desejáveis ou indesejáveis. Sem uma meta que tenha valor, ou seja, determinada importância para o indivíduo, não haverá razão para agir e, deve se somar a isso, a ação em direção a meta, o senso de confiança de que é possível atingi-la. A pessoa necessita ter confiança suficiente para agir e continuar agindo, pois quando se está confiante com relação a um evento futuro, esforços contínuos são empregados para alcançar a meta, mesmo diante de grandes adversidades (Carver & Scheier, 2002; Lopez & Snyder, 2009).

Nesse sentido, a definição de otimismo apóia-se em expectativas positivas das pessoas sobre eventos futuros. Pressupõe que quando um objetivo tem valor suficiente, a

pessoa produzirá ações para alcançar a meta desejada, esperando por resultados positivos (Scheier & Carver, 1985, 1993). A motivação subjacente aos comportamentos se configura como possível raiz do construto otimismo. Assim, pessoas que possuem uma orientação otimista para a vida tendem a apresentar expectativas positivas com relação ao futuro, a perceber metas desejáveis como possíveis e a persistir em seus esforços. Pessimistas, por sua vez, apresentam expectativas negativas, esforçam-se menos, tendem a se tornar passivos e desistem mais facilmente de suas metas (Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985).

No contexto educacional, que será investigado na presente pesquisa, o conceito de orientação otimista da vida tem sido estudado e relacionado à capacidade de adaptação e desempenho escolar, por exemplo. Carver, Scheier e Segerstrom (2010) apontam que o otimismo é um fator preditivo de menor sofrimento em alunos ingressantes na universidade. Esses dados foram encontrados na pesquisa que os autores conduziram e que avaliou otimismo, bem estar e outras variáveis quando os alunos chegaram ao campus universitário e, novamente ao final do semestre. Carver et al (2010) sugerem que os otimistas experimentam menos angústias quando se deparam com as adversidades e que permanecem engajados nas suas metas e atividades mesmo quando há uma situação de elevado estresse.

Nesse mesmo sentido, investigações com estudantes universitários ingressantes, indicaram que um baixo nível de otimismo foi preditivo de dificuldades de adaptação ao ambiente acadêmico. Também o baixo nível de otimismo mostrou-se associado a sintomas depressivos, de estresse e sentimentos de solidão, no primeiro ano do curso, assim como com menor desempenho acadêmico nos anos posteriores (Scheier & Carver, 1985; Scheier & cols., 1994). Esses achados podem ser considerados nos processos de OP, com vistas a

identificar os níveis de otimismo e possibilitar que isso seja trabalhado na intervenção antes da entrada no contexto universitário, e poder prevenir o adoecimento dos jovens.

A teoria social cognitiva de desenvolvimento de carreira (TSCDC) (Lent, Brown & Hackett, 1994, Lent, Hackett & Brown, 2004) está baseada na teoria sócio-cognitiva geral de Bandura (1977; 1986; 1997) e o modelo de escolha de carreira de Lent et al. (1994) sugere que a autoeficácia e as expectativas de resultado constituem seu ponto central. É a partir de experiências de aprendizagens anteriores que essas duas variáveis serão constituídas. Além disso, há influência de fatores pessoais, sociais e culturais, e observações do que outras pessoas fazem. Embora essas experiências ocorram ao longo da vida, elas são mais importantes na infância e adolescência, fases em que as aprendizagens ocorrem com maior intensidade. É a partir deste momento que a pessoa define suas crenças de eficácia, o que espera do mundo e sua forma de pensar, comportar e sentir.

Segundo Monteiro (2008) e Kennedy (2012) o conceito de autoeficácia relaciona-se estreitamente com o conceito de otimismo disposicional, pois a autoeficácia é entendida como a crença de um indivíduo acerca da sua capacidade para alcançar determinados comportamentos com sucesso e, o otimismo disposicional diz respeito às expectativas acerca dos resultados. Desta forma, os indivíduos com níveis de autoeficácia mais elevados tendem a ser mais otimistas em virtude de acreditarem que conseguem resolver os seus problemas, ultrapassar as adversidades e assumir o controle sobre as situações que vão acontecendo nas suas vidas.

Segundo Bandura (1997) a autoeficácia seria um dos principais mecanismos influenciadores das ações das pessoas, sendo que estas tendem a se envolverem nas atividades que acreditam ser capazes de executar e que esperam resultados positivos. Utilizando-se das crenças de autoeficácia que as pessoas se baseiam para realizar suas escolhas diárias, como quais atividades realizarão e quanto tempo empenhará em cada

tarefa ou objetivo. Nesse sentido, a avaliação da autoeficácia se torna relevante e pode revelar a influência do pensamento otimista e pessimista em relação aos objetivos. Especificamente, há uma tendência das pessoas serem mais otimistas nas atividades que possuem confiança da sua capacidade (Bandura, 2001).

Coimbra e Fontaine (2010) afirmam que as crenças de autoeficácia podem influenciar o tipo de metas estabelecidas pelo sujeito, assim como a quantidade de esforço despendido para alcançá-las, e a manutenção da motivação e perseverança, ou a desistência à primeira dificuldade, o que pode ter relação também com a produtividade e se são pessimistas ou otimistas. Além disso, as crenças influenciam também o nível de realização que as pessoas podem atingir por meio das escolhas que vão sendo feitas. A tendência é que as pessoas só se envolvam em atividades nas quais se sentem competentes e evitem aquelas que pensam que não são acessíveis. Diante dessas características é possível dizer que as crenças de autoeficácia, muitas vezes, permitem prever melhor o comportamento e a escolha, do que as reais capacidades e conhecimento técnico do indivíduo.

Especificamente, a autoeficácia para escolha profissional pode ser entendida como a confiança dos indivíduos para se engajar em tarefas de decisão profissional. Neste sentido, Ambiel e Noronha (2012) propuseram o desenvolvimento de uma escala para essa avaliação, a Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) que possibilita o levantamento de necessidades de intervenção para que os orientandos desenvolvam um adequado senso de confiança e atitudes positivas no sentido da realização da escolha profissional. Outro importante elemento é que ela oportuniza ao jovem a reflexão sobre a necessidade de engajamento em algumas situações que possivelmente ele ainda não tenha em seu repertório. Para Garcia (2009) uma baixa crença de autoeficácia relacionada à carreira pode ter como consequência que a pessoa evite tomar atitudes, pois isso pode gerar ansiedade e a percepção de que os desafios profissionais são uma ameaça.

Silva (2008) ressalta que o estilo de vida que as pessoas constroem ao longo da vida é influenciado pelas escolhas profissionais, por isso é importante a realização de escolhas fundamentadas. Essas escolhas estão diretamente ligadas às atividades profissionais e, conseqüentemente, ao cotidiano das pessoas e suas relações sociais, repercutindo, assim, na sua identidade pessoal. Poucos processos de decisão possuem tanta influência na vida das pessoas como a escolha de uma carreira e, atualmente, a tarefa de tomar decisões profissionais tem ocorrido por diversas razões como, por exemplo, a necessidade de mudança no trabalho e desenvolvimento de um novo conjunto de competências para adaptação ao mercado de trabalho. Desta forma, a eficiência na tomada de decisões sólidas ganha importância crescente na estruturação da vida profissional.

Bandura (1997) refere que a tomada de decisão de carreira não é apenas uma questão de escolher um determinado percurso profissional, é antes uma questão de desenvolver capacidades de resolução de problemas. As pessoas que não confiam nos seus julgamentos têm dificuldades em tomar decisões e a aderir a elas, mesmo que tenham aprendido as estratégias para o fazer.

Aliada a autoeficácia, as expectativas também são consideradas um importante elemento para explicar a formação dos interesses profissionais (Lent, Brown & Hackett, 2002; Ourique, 2010; Silva, 2008). A autoeficácia pode ser formada e modificada com base na observação das vivências de outras pessoas, ou seja, um indivíduo ao verificar que determinados resultados são alcançados por essas pessoas, poderá acreditar que ele também é capaz (Lent et al, 1994; Bandura, 1986). O modelo proposto por Lent et al (1994) considera que a autoeficácia e as expectativas de resultados exercem um efeito direto na formação dos interesses de carreira, pois as pessoas constroem interesses estáveis por uma determinada atividade, quando sentem que possuem capacidades para concluí-la e quando conseguem antecipar os resultados positivos, do mesmo modo que tendem a não investir

em tarefas nas quais têm uma autoeficácia baixa. Esse é um processo que ocorre continuamente ao longo da vida e que permite o desenvolvimento do padrão de interesses das pessoas (Lent et al, 2002).

Para Savickas (1999) os interesses profissionais podem ser entendidos como a posição de um indivíduo em relação a um objeto, no que diz respeito à atenção que o objeto desperta, seja este prazeroso ou desprazeroso e da tendência a aproximar-se ou não dele. Ou seja, o interesse traduz um complexo esforço adaptativo de utilização do contexto pessoal para satisfação das necessidades e valores. Esta concepção foi considerada para a construção da Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) (Noronha, Sisto & Santos, 2007), instrumento utilizado no presente estudo.

Pesquisas sobre a relação entre os três construtos, otimismo, autoeficácia e interesses, ainda não são abundantes na literatura. Destaca-se o estudo de Creed, Patton e Bartrum (2002) que teve como um dos objetivos verificar as relações entre otimismo, bem-estar e maturidade de carreira. Foram aplicados seis instrumentos, a saber, LOT-R, Inventário de Desenvolvimento de Carreira, Escala de Decisão de Carreira, uma escala avaliar as metas para carreira, Escala de Auto-estima de Rosenberg e o Questionário de Saúde Geral de Goldeberg. Correlações de Pearson foram realizadas entre os instrumentos e os achados indicaram que os jovens com altos níveis de otimismo apresentaram níveis mais altos de planejamento de carreira, estavam mais certos sobre suas decisões de carreira com foco nos objetivos relacionados a ela. Por outro lado, os jovens com maiores níveis de pessimismo também apresentaram níveis mais baixos de tomada de decisão de carreira e de aproveitamento escolar. Os autores destacam que estes resultados indicam que o otimismo e pessimismo têm um papel fundamental na orientação e desenvolvimento de carreira de adolescentes e que, portanto, os programas e intervenções em orientação e desenvolvimento de carreira deveriam envolver a avaliação e promoção do otimismo. Além

disso, levantam outra questão, referente a necessidade de outras investigações utilizando o LOT-R com adolescentes, para confirmar a sua aplicabilidade nessa população.

Hirschi (2010) realizou um estudo com adolescentes, com o objetivo de verificar os interesses profissionais, bem como a influência de exploração e planejamento de carreira no desenvolvimento dos interesses. A análise de regressão não indicou significância na predição entre os fatores. Mas os dados revelaram que os sujeitos que tinham atitudes de planejamento de carreira mais desenvolvidas, também demonstraram mais certeza sobre o futuro e interesses em diferentes áreas, o que segundo os pesquisadores, pode levar a exploração de diferentes possibilidades de profissões e serem pessoas mais ativas no processo de tomada de decisão.

A avaliação dos interesses profissionais e forças de caráter, bem como a relação entre ambos, foi o objetivo do estudo de Proyer, Sidler, Weber e Ruch (2012). A investigação foi realizada com adolescentes suíços. Os principais achados indicaram associação entre interesses investigativos e artísticos e as forças intelectuais e interesses empreendedores e os pontos fortes de liderança. A análise de regressão revelou que os melhores preditores para interesses investigativo e artístico eram forças intelectuais (16 e 19% de variância), e os pontos fortes de liderança se destacaram como um potente preditor de interesses empreendedores (7% de variância).

A verificação das relações entre os construtos interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo, pode contribuir para um entendimento mais amplo das características que influenciam o processo de tomada de decisão profissional. A compreensão do processo de OP como um serviço que não se limita apenas a fornecer informações sobre profissões e indicar uma melhor ocupação, pressupõe a necessidade de um olhar mais cuidadoso para o indivíduo que necessita de auxílio para a construção do seu projeto de vida e profissional. Nesse sentido, a psicologia tem contribuído com a prática de intervenções

preocupadas com o desenvolvimento vocacional, o que pode incluir a avaliação de diferentes características e posteriormente discuti-las juntamente com os sujeitos, promovendo autonomia e saúde.

Isto posto, o objetivo da presente investigação é verificar a relação entre os construtos e analisar a contribuição do otimismo na formação dos interesses profissionais e autoeficácia para escolhas profissionais, bem como verificar a contribuição da autoeficácia nos interesses profissionais.

## **MÉTOD**

### **Participantes**

Os sujeitos de pesquisa foram alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais. No total, 183 alunos participaram, sendo 51,4% do 9º ano do ensino fundamental e 48,6% do 3º ano do ensino fundamental. Em relação ao sexo, a maioria era mulheres (52,5%) e 47% homens, com idades variando de 13 a 19 anos ( $M=15,77$ ;  $DP=1,74$ ).

### **Instrumentos**

Foram utilizados três instrumentos, LOT-R, Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) e Escala de Aconselhamento Profissional (EAP).

O *Revised Life Orientation Test – LOT-R*, é um teste de autorrelato construído para medir o otimismo disposicional sendo composto por 10 itens, dos quais três são afirmativas sobre otimismo (itens 1, 4 e 10), três sobre pessimismo (itens 3, 7 e 9) e quatro itens distratores (2, 5, 6, 8) cujos escores não são computados. A resposta é em escala tipo *Likert* de cinco pontos, variando de discordo plenamente até concordo plenamente. A versão em português do instrumento, bem como os estudos psicométricos foram realizados para o estudo de Bastianello (2011).

A Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP) possui 47 itens divididos em quatro fatores, quais sejam, Autoeficácia para Autoavaliação, Autoeficácia

para Coleta de Informações Ocupacionais, Autoeficácia para Busca de Informações Profissionais Práticas e Autoeficácia para Planejamento de Futuro. De forma geral são avaliadas as crenças que o indivíduo possui a respeito dos processos envolvidos na escolha profissional. O estímulo ao qual as pessoas respondem é “quanto você acredita na sua capacidade de:” e deve ser respondido em escala tipo *Likert* de quatro pontos, sendo 1 “pouco” e 4, “muito”. Os parâmetros psicométricos descritos no manual (Ambiel & Noronha, 2012) indicam que a escala possui evidências de validade de construto, conteúdo e nas relações com outras variáveis e índices satisfatórios de fidedignidade.

A Escala de Aconselhamento Profissional (EAP) avalia os interesses das pessoas em determinadas áreas, considerando as características das ocupações. O instrumento é de autorrelato, possui 61 itens, distribuídos em sete dimensões de interesse: Ciências Exatas, Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Agrárias e Ambientais, Atividades Burocráticas, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento. A resposta em escala tipo *Likert*, pode variar de frequentemente a desenvolveria (5) a nunca a desenvolveria (1). Os parâmetros psicométricos descritos no manual (Noronha et al, 2007) indicam as evidências de validade e precisão.

### Procedimento

A coleta de dados foi realizada nas dependências da escola, após consentimento dos pais dos alunos menores de idade, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os alunos maiores de idade que concordaram em participar assinaram o TCLE. Foi utilizado o horário regular de aula para a coleta, sendo que a ordem de aplicação foi EAP, LOT-R e EAE-EP, com tempo médio de 30 minutos. O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, tendo recebido parecer favorável para sua execução (CAAE: 07812612.6.0000.5514).

## RESULTADOS

Para atender aos objetivos propostos, foi realizada análise da correlação (Pearson) entre os instrumentos que medem otimismo, autoeficácia para escolha profissional e interesses profissionais. Em seguida, foi realizada a análise de regressão pelo método *stepwise*, a fim de tentar explicar o quanto o otimismo prediz os interesses profissionais e a autoeficácia para escolha profissional e a contribuição da autoeficácia para a formação dos interesses profissionais.

A Tabela 1 apresenta a correlação de Pearson. Destaca-se que todos os coeficientes encontrados são de baixa magnitude, variando de  $r=-0,14$  a  $0,23$ .

Tabela 1

*Correlação de Pearson entre LOT-R, EAEPP e EAP*

	<i>Otimismo</i>	<i>Pessimismo</i>
Ciências Exatas	<b>0,164*</b>	-0,082
Artes e comunicação	0,006	-0,066
Ciências biológicas e da saúde	0,124	-0,123
Ciências agrárias e ambientais	<b>0,220**</b>	<b>-0,149*</b>
Atividades burocráticas	<b>0,175*</b>	<b>-0,163*</b>
Ciências humanas e sociais aplicadas	0,098	-0,108
Entretenimento	0,080	<b>-0,170*</b>
Autoavaliação	<b>0,217**</b>	<b>-0,188*</b>
Coleta de informações	<b>0,206**</b>	<b>-0,206**</b>
Busca de informações práticas	<b>0,230**</b>	-0,135
Planejamento de futuro	0,145	-0,139
EAEPP geral	<b>0,234**</b>	<b>-0,193**</b>

\*0,05    \*\* 0,01

As correlações entre otimismo e Ciências exatas, Ciências agrárias e ambientais e Atividades burocráticas, revelam que aqueles que preferem essas atividades tendem a ser mais otimistas. O pessimismo foi associado negativamente com três dimensões de interesses, ciências agrárias, atividades burocráticas e entretenimento o que revela que

peessoas mais pessimistas preferem menos essas atividades, que envolvem o gosto por mexer com materiais diversos, organizar planilhas e sistemas e lidar com pessoas.

Sobre a autoeficácia, houve correlações entre otimismo e autoavaliação, coleta de informações e busca de informações, indicando que as pessoas que apresentam maior autoeficácia nesses aspectos podem ser mais otimistas. O pessimismo se correlacionou à auto-avaliação, coleta de informações e autoeficácia geral, o que indica que pessoas mais pessimistas podem ter menor percepção das suas capacidades de escolher uma profissão a partir do conhecimento de suas características pessoais, opiniões, interesses e habilidades, bem como acreditam menos que podem buscar informações sobre as profissões utilizando-se de diversos meios e estratégias, como internet, por exemplo.

A análise de regressão para verificar a predição do otimismo sobre os interesses profissionais está na Tabela 2. Foi adotado o nível de significância de  $p < 0,01$ .

Tabela 2.

*Análise de regressão stepwise entre otimismo e autoeficácia para escolhas ocupacionais*

EAP	Mod.	Preditores LOT	Coeficientes padronizados		Coeficientes não padronizados	$R^2$	$F$ (gl, n-gl)	$P$
			$B$	$EP$	$B$			
Ciências Exatas	1	(Constante)	1,728	0,336	-	0,022	5,002 (1,181)	0,027
		Otimismo	0,179	0,080	0,164			
Ciências Agrárias e Ambientais	1	(Constante)	1,795	0,328	-	0,043	9,175 (1,181)	0,003
		Otimismo	0,236	0,078	0,220			
Atividades Burocráticas	1	(Constante)	1,848	0,319	-	0,025	5,698 (1,181)	0,018
		Otimismo	0,181	0,076	0,175			
Entretenimento	1	(Constante)	2,704	0,161	-	0,024	5,360 (1,181)	0,022
		Pessimismo	-0,162	0,070	-0,170			

Os dados da Tabela 2 revelam que há relação preditiva entre as variáveis pesquisadas, otimismo e interesses profissionais, em quatro dimensões da EAP. Em relação aos interesses profissionais, Ciências exatas, Ciências agrárias e ambientais e Atividades burocráticas sofreram contribuição do Otimismo. Os dados revelam que as pessoas otimistas, que tem uma melhor perspectiva de futuro e acreditam que coisas boas acontecerão, são aquelas que também acreditam mais em suas capacidades e estão mais inclinadas a se interessarem por atividades que envolvam o trabalho com pessoas e animais, organização de planilhas e dados numéricos, por exemplo. Somente em relação ao interesse em Entretenimento, os dados indicam que quanto menor o pessimismo será maior a possibilidade de ocorrer o interesse por ele.

Também foi realizada a análise de regressão para verificar a predição do otimismo em função da autoeficácia. Destaca-se que foi adotado o nível de significância de  $p < 0,01$ , conforme Tabela 3.

Tabela 3.

*Análise de regressão stepwise entre otimismo e autoeficácia para escolhas ocupacionais*

Fatores EAE-EP	Mod.	Preditores LOT	Coeficientes padronizados		Coeficientes não padronizados	$R^2$	$F$ ( $gl, n-gl$ )	$p$
			$B$	$EP$	B			
EAE-PP Geral		(Constante)	2,633	0,187	-	0,05	10,467 (1,180)	0,001
		Otimismo	0,144	0,044	0,234			
Autoavaliação		(Constante)	2,777	0,177	-	0,04	8,909 (1,180)	0,003
		Otimismo	0,125	0,042	0,217			
Coleta de informações ocupacionais	1	(Constante)	2,615	0,227	-	0,04	8,002 (1,180)	0,005
		Otimismo	0,153	0,054	0,206			
Busca de informações profissionais	1	(Constante)	2,261	0,255	-	0,05	10,068 (1,180)	0,002
		Otimismo	0,192	0,061	0,230			

Dentre os fatores de autoeficácia, três deles além da autoeficácia geral, recebem contribuição do otimismo na formação, não passando de 5%. Os dados revelam que as pessoas otimistas, que tem uma melhor perspectiva de futuro e acreditam que coisas boas acontecerão, são aquelas que também acreditam mais em suas capacidades de se autoavaliarem bem como se sentem capazes de buscarem informações sobre suas áreas ocupacionais de interesse.

Por fim, a última análise realizada foi a regressão múltipla para entendimento da contribuição da autoeficácia na formação dos interesses profissionais, conforme tabela 4.

Tabela 4.

*Análise de regressão stepwise entre autoeficácia e interesses*

Dimensões EAP	Mod.	Preditores Fatores EAE-EP	Coeficientes padronizados		Coeficientes não padronizados	$R^2$	$F$ (gl, n-gl)	$P$
			$B$	$EP$	$B$			
Ciências Exatas	1	(Constante)	1,638	0,296	-	0,04	8,266 (1,181)	0,005
		Busca informações profissionais	0,272	0,095	0,209			
Ciências Agrárias e Ambientais	1	(Constante)	1,949	0,291	-	0,04	8,305 (1,181)	0,004
		Busca informações profissionais	0,269	0,093	0,209			
Atividades Burocráticas	1	(Constante)	1,628	0,350	-	0,04	7,939 (1,181)	0,005
		Planejamento Futuro	0,296	0,105	0,205			
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	1	(Constante)	1,911	0,261	-	0,02	5,059 (1,181)	0,026
		Busca Informações Profissionais	0,188	0,084	0,165			

Os dados revelam que a autoeficácia para busca de informações profissionais prediz 4% da formação dos interesses nas dimensões Ciências exatas, Ciências agrárias e ambientais, e 2% em Ciências humanas e sociais, enquanto Autoeficácia para planejamento futuro prediz 4% no interesse por Atividades burocráticas. Os dados indicam que as pessoas que acreditam na sua capacidade de buscar informações sobre profissões e as práticas

profissionais, tendem a se interessar mais por atividades que envolvam cálculos, lidar com substâncias e materiais diversos, ter contato com pessoas por exemplo. Da mesma forma, aqueles que se julgam capazes de planejar o seu futuro profissional preferem mais atividades relacionadas à condução de processos de seleção, admissão e demissão e mediar relações entre empresa e colaboradores, por exemplo.

## **DISCUSSÃO**

O objetivo de relacionar os construtos, bem como verificar a força preditiva entre eles foram atingidos. As relações encontradas indicam pouca comunalidade entre otimismo, interesses profissionais e autoeficácia para escolhas profissionais, devido a baixa magnitude dos índices. A análise de regressão entre essas variáveis revelou pouca contribuição do otimismo na formação dos interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional, não excedendo os 5%. Os dados foram significativos e podem ajudar a compreender os postulados teóricos, ao demonstrar que as pessoas mais otimistas parecem ter maior nível de autoeficácia, o que está em consonância com a perspectiva teórica, de que as expectativas de resultados favoráveis levam a um maior esforço da pessoa para alcançar seus objetivos e as expectativas desfavoráveis reduzem os esforços, podendo chegar ao ponto de desistência (Carver et al, 2010; Carver & Scheier, 2002; Scheier & Carver, 1985; Monteiro, 2008; Kenedy, 2012).

Embora os resultados tenham evidenciado que o otimismo explica apenas 5% da autoeficácia em relação a coleta e busca de informações, planejamento de futuro e autoeficácia geral, este é um dado que deve ser melhor investigado, visto que no contexto brasileiro ainda são escassos dados semelhantes. Os dados também corroboram os encontrados por Creed et al (2002), no qual os jovens com altos níveis de otimismo apresentaram níveis mais altos de planejamento de carreira, estavam mais certos sobre suas decisões de carreira com foco nos objetivos relacionados a ela.

As crenças de autoeficácia no âmbito ocupacional parecem ser elementos importante a serem considerados, pois como afirmam Garcia (2009) e Silva (2008), pessoas que tenham uma baixa percepção de autoeficácia podem apresentar ansiedade e ser um dificultador do planejamento profissional bem como da formação da identidade profissional. Diante disso, surge a necessidade de avaliar a autoeficácia para escolha profissional para uma melhor compreensão do indivíduo que busca a orientação profissional.

Também, conforme postulado teoricamente (Lent et al., 1994; 2002; 2004) a autoeficácia exerce um papel fundamental na formação dos interesse profissionais. Os indivíduos se interessam mais por atividades as quais ele acredita que possa ter um bom desempenho. Os dados da presente pesquisa indicaram que especificamente a autoeficácia para busca de informações profissionais estaria contribuindo nos interesses em Ciências exatas, Ciências agrárias e Ciências humanas e sociais e Autoeficácia para planejamento de futuro no interesse por Atividades burocráticas. De acordo com Ambiel e Noronha (2012), especificamente as relações entre autoeficácia para escolha profissional e interesses profissionais ainda não foram suficientemente exploradas na literatura científica. Os achados da presente investigação vêm então, contribuir nesse sentido, especialmente, pois outros estudos não revelaram dados significativos, tal como nos estudos de construção da EAE-EP no qual foram encontradas poucas correlações significativas com a EAP, sendo a maioria nula. Hirschi (2010) também não encontrou dados significativos na análise de regressão sobre a influência de exploração e planejamento de carreira no desenvolvimento dos interesses.

Embora os dados encontrados tenham sido em partes significativos, ainda evidenciase a necessidade de ampliação dos estudos que busquem compreender a relação entre os contrutos utilizados na presente pesquisa. Além disso, as novas perspectivas de mercado de

trabalho exigem mudanças na forma de pensar e implementar os programas de orientação profissional (Proyer et al, 2012) e, entre elas, pode-se elencar a possibilidade de incluir novos construtos a serem avaliados e considerados, como o otimismo por exemplo, e até mesmo incorporar a psicologia positiva nessas intervenções.

As limitações desse estudo precisam ser consideradas e referem-se essencialmente a amostra ter sido escolhida por conveniência e ser pequena. Além disso, apenas alunos de escola pública foram avaliados, o que indica a necessidade de que futuros estudos explorem as diferenças entre os tipos de escola e ampliem a amostra.

## REFERÊNCIAS

Ambiel, R. A. M., & Noronha, A. P. P. (2012). *Escala de autoeficácia para escolha profissional – EAE-EP*. Manual técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavior change. *Psychological Review*, *84*, 191- 215.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.

Bandura, A. (2001). Social Cognitive Theory: an agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, *52*(1), 1-26.

Bastianello, M. R. (2011). *Adaptação e Validação do Teste para Avaliação de Otimismo LOT-R e suas Relações com Autoestima e Personalidade*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Carver, S. C., & Scheier, M. F. (2002). Optimism. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 231-243). New York: Oxford University Press.

Carver, S. C., Scheier, M. F., & Segerstrom, S. C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, *30*, 879-889.

Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2010). Será que sou capaz? Estudo diferencial de auto-eficácia com alunos do nono ano. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, *11*(1), 5-22.

Creed, P. A., Patton, W., & Bartrum, D. (2002). Multidimensional Properties of the Lot-R: Effects of Optimism and Pessimism on Career and Well-Being Related Variables in Adolescents. *Journal of Career Assessment, 10*, 42-61

Garcia, P. T. (2009). *Influência da auto-eficácia, modelos de referência, socialização de género, apoio e barreiras sociais nas aspirações de carreira*. Dissertação de mestrado. Instituto Universitário de Lisboa.

Hirschi, A. (2010). Individual predictors of adolescents' vocational interest stabilities. *International Journal for Educational and Vocational Guidance, 10*(1), 5-19.

Kennedy, T. K. (2012). *Exploring the influence of optimism and self-efficacy on new and professional immigrants' retraining experiences in Canada*. Department of Adult Education and Counselling Psychology. Ontario Institute for Studies in Education. University of Toronto.

Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Towards a unifying social cognitive theory of career and academic interests, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior, 45*(1), 79-122.

Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (2002). Social cognitive career theory. Em D. Brown & Associate (Eds.), *Career choice and development* (4th ed., pp. 255–311). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Lent, R. W., Hackett, G., & Brown, S. D. (2004). Una perspectiva social cognitiva de la transición entre la escuela y el trabajo. *Evaluar, 4*, 1-22.

Monteiro, S. O. M. (2008). *Optimismo e vinculação na transição para o ensino superior: relação com sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento académico*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Portugal.

Noronha, A. P. P., Sisto, F. F., & Santos, A. A. A. (2007). *Escala de Aconselhamento Profissional – EAP Manual de Aplicação*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica.

Ourique, L. R. (2010). *Auto-eficácia e personalidade no planejamento de carreira de universitários*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Proyer, R. T., Sidler, N., Weber, M. & Ruch, W. (2012). A multi-method approach to studying the relationship between character strengths and vocational interests in adolescents. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 12(2), 141-157.

Savickas, M. L. (1999). The psychology of interests. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.), *Vocational interests: Meanings, measurements and counseling use* (pp. 19-56). Palo Alto, CA: Davies-Black.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implication of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219–247.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1993). On the power of positive thinking: The benefits of being optimistic. *Current Directions in Psychological Science*, 2, 26–30

Silva, D. A. O. (2008). *Avaliação dos interesses como fonte da auto-eficácia na tomada de decisão de carreira, em jovens do 9º ano: planificação de estudo*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa.

Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.

## Estudo 3

### **Estrutura fatorial do *Life Orientation Test-Revised* (LOT-R)**

Otimismo e pessimismo são conceituados como expectativas generalizadas sobre as coisas que acontecem na vida dos indivíduos, sendo estas consideradas como disposições estáveis. O construto otimismo pode ser entendido como unidimensional e bipolar, ou seja, é uma única característica com dois extremos, que pode variar entre otimismo e pessimismo. O *Revised Life Orientation Test (LOT-R)* é o instrumento disponível para avaliação do otimismo disposicional e tem sido alvo de vários estudos que verificam sua unidimensionalidade, que não chegam a resultados unânimes. O objetivo da presente investigação foi realizar a análise da estrutura fatorial do LOT-R em uma amostra de adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio. Foram sujeitos 183 alunos, de ambos os sexos, com idade entre 13 e 19 anos. A aplicação do LOT-R aconteceu de forma coletiva em sala de aula. Foi realizada a análise fatorial confirmatória do instrumento, testando dois modelos, o unifatorial e bifatorial. O modelo bifatorial foi o mais adequado, o que revela que nessa amostra específica, o LOT-R é composto por dois componentes. A necessidade de estudos para verificação da estrutura do instrumento fica evidenciada, pois a literatura aponta que diferenças culturais são pontos fundamentais para o entendimento do otimismo.

Palavras- Chave: otimismo, adolescentes, validade fatorial

### **Factor structure of the *Life Orientation Test-Revised* (LOT-R)**

Optimism and pessimism are conceptualized as generalized expectations about things that happen in people's lives, being considered as stable dispositions. The construct of optimism can be understood as one-dimensional and bipolar, in other words, it's only characteristic with two extremes ranging from optimism or pessimism. The Revised Life Orientation Test (LOT-R) is the instrument available for assessing dispositional optimism and has been the subject of several studies that verify its one-dimensionality, which do not reach unanimous results. The aim of this study was to analyze the factor structure of the LOT-R in a sample of adolescent students from fundamental and high-school education. Participants were 183 students, of both genders, aged between 13 and 19 years old. The application of the LOT-R occurred collectively in the classroom. Confirmatory factor analysis of the instrument was performed by testing two models, the one-factor and two-factor. The two-factor model was the most appropriate, which shows that, for this particular sample, the LOT-R consists of two components. The need for studies to test the structure of the instrument is evident because the literature indicates that cultural differences are key to understanding the optimism.

Keywords: optimism, adolescence, factorial validity

## INTRODUÇÃO

O otimismo disposicional encontra-se inserido na grande área denominada Psicologia Positiva, e pode ser compreendido como uma tendência estável da pessoa acreditar que coisas boas acontecerão com ela, em vez de coisas ruins. Scheier, Carver e Bridges (1994) consideram o otimismo e pessimismo como expectativas generalizadas sobre as coisas que acontecem na vida dos indivíduos. Essas expectativas são consideradas como disposições estáveis, ou seja, características de cada pessoa. Além disso, o construto otimismo pode ser entendido como unidimensional e bipolar, o que significa dizer que é uma única característica com dois extremos, que pode variar entre otimismo e pessimismo.

Dentro dessa teoria, dois elementos são fundamentais para a definição de expectativas, o objetivo e o senso de confiança. Todo comportamento aponta para a perseguição de uma meta, de fins ou de valores que as pessoas entendem como desejáveis ou indesejáveis, e sem essa meta que tenha algum valor, não existirá razão para agir. Atrelado a isso está o senso de confiança de que é possível atingir a meta, sendo que a pessoa precisa ter confiança suficiente para agir e continuar agindo. Quando se está confiante com relação a um evento futuro, esforços contínuos são empregados para se alcançar a meta, mesmo diante de grandes adversidades (Carver & Scheier, 2002).

A explicação que o indivíduo atribui para os eventos positivos ou negativos que acontecem com ele determinará se é uma pessoa otimista ou não. Aqueles que atribuem aos eventos boas explicações permanentes, inespecíficas e internas são considerados otimistas. Por outro lado, os pessimistas percebem os acontecimentos bons como temporários, específicos e externos e, além disso, não atribuem ao seu esforço pessoal o que aconteceu (Carver & Scheier, 2002; Ortín, Fayos, Gosálvez, Ortega, & Olmedilla, 2011; Peterson, 2000; Peterson & Steen, 2002)

Para medir o otimismo sob a perspectiva disposicional, Scheier e Carver (1985) propuseram o *Life Orientation Test (LOT)*, que incluía a avaliação de expectativas positivas e negativas, e seria uma medida unidimensional, ou seja, otimismo e pessimismo representando pólos opostos de um continuum. A ampla utilização do LOT trouxe à baila duas questões. Em primeiro lugar, alguns estudos evidenciavam que os itens formulados positiva e negativamente originavam dois fatores, ou seja, a escala media dois construtos (otimismo e pessimismo), diferentemente do que postulava os autores, que a LOT era um instrumento de dimensão única bipolar. Em segundo lugar, a existência do que foi chamado de “terceira variável”, ou seja, o instrumento mostrava uma sobreposição com construtos como autoestima, autoeficácia e neuroticismo (Bastianello, 2011; Carver & Scheier, 2002; Monteiro, 2008).

A partir desses resultados e críticas, Scheier et al (1994) revisaram o instrumento, retirando os itens que não focavam explicitamente em expectativas com relação ao futuro, procurando eliminar as coincidências. Desta forma, os autores desenvolveram uma versão mais breve constituída por dez afirmações, sendo que quatro delas não são contabilizadas para o valor total da escala, são itens distratores. Os demais itens medem as expectativas positivas e negativas que estão mais fortemente relacionados entre si. A nova versão, denominada *Revised Life Orientation Test (LOT-R)*, resultou numa estrutura dimensional de um único fator, responsável por 48,1% da variância total, apresentando uma consistência interna adequada, com alpha de Cronbach de 0,78 e coeficientes teste-reteste entre 0,56 e 0,79 (Scheier et al, 1994).

Ainda a respeito da discussão sobre a unidimensionalidade do LOT-R, os estudos não são unânimes. Como citado anteriormente, Scheier e cols. (1994) realizaram análises fatoriais e chegaram à solução de um fator. De acordo com Bandeira, Bekou, Lott, Teixeira e Rocha (2002), Monteiro (2008) e Zenger, Finck, Zanon, Jimenez, Singer e Hinz (2013)

alguns autores consideraram o instrumento como uma escala unidimensional bipolar, tendo otimismo e pessimismo como dois pólos opostos de um mesmo construto, enquanto outros consideraram que havia dois fatores distintos. Vautier, Raufaste e Cariou (2003) discutem a dimensionalidade do LOT-R de forma diferente dos demais estudos. Para os autores o LOT-R captaria dois construtos distintos, um que corresponderia ao otimismo disposicional, comportando todos os itens e, outro referente aos estilos de resposta, que refletiria as diferenças individuais no que se refere à auto-avaliação e que seria sensível a um tipo de enviesamento decorrente da desejabilidade social, comportando apenas os itens positivos. Mas, os autores concluem que a definição das dimensões psicológicas básicas subjacentes ao instrumento ainda não está concluída. Ainda, Segerstrom, Evans e Eisenlohr-Moul (2011) consideram que a distinção entre otimismo e pessimismo pode ser explicada pela redação dos itens, que são enfáticos e extremos (por exemplo: Eu sou sempre otimista com relação ao meu futuro), o que pode levar as pessoas a responderem de acordo com o que ela acredita ser mais aceito socialmente.

Os estudos descritos a seguir estão organizados a da seguinte forma, primeiro aqueles que chegaram a conclusão de um único fator e posteriormente os que chegaram a dois fatores. Optou-se por descrever aqueles que foram realizados com objetivo de verificação da estrutura fatorial em contextos culturais distintos, visto que esta pode ser uma característica importante quando se estuda o otimismo disposicional, conforme apontam Carver, Scheier e Segerstrom (2010).

O estudo de Bandeira et al. (2002) teve como objetivo realizar a adaptação brasileira do TOV-R (Teste de Orientação de Vida – Revisado) e a análise de suas propriedades psicométricas. A aplicação do TOV-R foi feita com 396 estudantes universitários de ambos os sexos e de vários cursos de uma universidade particular. Os itens positivos e negativos do TOV-R foram submetidos a análise fatorial exploratória, com rotação Varimax, e os

resultados indicaram a presença de um único fator, composto por seis itens, que avaliam o construto otimismo, cuja variância explicada foi de 39,78%. A consistência interna da versão brasileira foi de  $\alpha=0,68$ , enquanto na versão original o valor é  $\alpha=0,78$ .

O estudo de Sanjuán e Magallanes (2006) utilizou o LOT-R numa amostra espanhola de 98 estudantes de psicologia, com objetivo de verificar a relação entre otimismo e bem-estar psicológico e físico. Por meio da análise da correlação de Pearson entre os instrumentos e também entre os itens da LOT-R (pessimismo e otimismo), os autores concluíram que o instrumento se configura como unidimensional, visto que foram encontradas significativas correlações negativas entre as escalas de pessimismo e otimismo.

A adaptação do LOT-R para o contexto português foi realizada por Laranjeira (2008) utilizando uma amostra de 790 universitários portugueses. No que se refere a consistência interna do instrumento foi encontrado um coeficiente *alfa* de Cronbach no valor de 0,71. Também foi realizada análise de componentes principais, seguida de uma rotação ortogonal de tipo *Varimax*, que revelou 45,87% da variância explicada, indicando a existência de apenas um fator, semelhante ao estudo original de Scheier e cols. (1994).

Ainda no contexto português, Monteiro (2008) verificou as propriedades psicrométricas do LOT-R em 487 universitários portugueses, de diversas universidades e cursos. A partir da análise fatorial confirmatória, encontrou-se que os seis itens do LOT-R se organizaram num único fator (otimismo disposicional), que explica 37,68% da variância, revelando a concordância com os achados originais do instrumento.

Mais recentemente, no contexto brasileiro, Bastianello (2011) propôs um estudo para adaptar e validar o LOT-R, bem como verificar as suas propriedades psicométricas. Para tanto, a autora utilizou uma amostra de 844 universitários da região sul do Brasil, de diferentes cursos. Para avaliar a estrutura fatorial do LOT-R foi realizada a análise de componentes principais pelo método de extração *eigenvalues* maior que um, que explicou

51% da variância total, indicando a estrutura unidimensional. Em relação a consistência interna, esta foi considerada adequada pois o alfa de *Cronbach* do teste foi 0,80.

Diferentemente dos dados até aqui apresentados, o estudo conduzido por Ferrando, Chico e Tous (2002) com uma amostra de 735 universitários espanhóis indicou que o LOT-R apresenta estrutura com duas dimensões parcialmente independentes. A versão espanhola do instrumento foi considerada adequada do ponto vista psicométrico. Os autores discutem os resultados encontrados considerando aspectos como as amostras utilizadas em pesquisas com o instrumento serem em grande parte de universitários e também sobre a estrutura dos itens, que todas as traduções e adaptações realizadas permitiram que o instrumento permanecesse muito similar ao original.

Na população chilena, os resultados da pesquisa de Villarroel, Rubio e Atenas (2009) também indicaram a existência de dois fatores no LOT-R. O estudo foi desenvolvido com 309 universitários e teve como objetivos analisar as propriedades psicométricas do instrumento e verificar a possibilidade de uso para a população chilena. A consistência interna foi considerada adequada pelos autores ( $\alpha=0,65$ ) e não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos. Em relação à análise fatorial, os resultados indicaram uma solução bidimensional, sendo que o primeiro fator, referente ao otimismo, explicou 32,11% da variância e o segundo fator (pessimismo), 23,43% da variância.

Gaspar, Ribeiro, Matos, Leal, & Ferreira (2009) realizaram a adaptação e validação da Escala Revista de Orientação para a Vida para Crianças (versão do LOT-R) em uma amostra de 3195 crianças e adolescentes portugueses, com idades entre 9 e 16 anos. Análises fatoriais exploratórias e confirmatórias foram realizadas e os resultados revelaram dois fatores, um ligado ao otimismo e outro que reflete o pessimismo. O fator otimismo indicou 28,88% da variância explicada, enquanto o fator pessimismo explica 25,85%. Em relação a fidedignidade, a consistência interna não foi considerada adequada com valores

de alfa de Cronbach variando entre 0,61 e 0,56 para as duas dimensões, o que para os autores pode indicar uma fraca consistência interna e erro de medida. Algumas explicações possíveis para os baixos valores de alfa, consideradas pelos autores, são a idade dos sujeitos estudados que por serem crianças e adolescentes, podem não ter compreendido bem os itens e terem dado respostas ao acaso, bem como o número reduzido de itens.

Ainda no contexto português, Ribeiro, Pedro e Marques (2012) realizaram um estudo para verificação da utilidade do LOT-R, bem como se a medida seria uni ou bidimensional. Foram utilizadas duas amostras distintas, uma de 280 pacientes com diagnóstico de esclerose múltipla, com idades entre 16 e 70 anos e maioria do sexo feminino (71,4%), e outra com 615 pessoas, selecionadas aleatoriamente em áreas públicas, com idades entre 17 e 80 anos e 51,1% de mulheres. Os dados a respeito da estrutura fatorial do LOT-R foram semelhantes nas duas amostras, sendo que a solução de dois fatores foi a melhor configuração encontrada.

O estudo de Lai e Yue (2000) foi realizado com universitários chineses de Hong Kong e Pequim. A proposta era verificar se o LOT-R era uma medida adequada para essa amostra, pois segundo os pesquisadores o conceito de otimismo na cultura oriental é diferente do da ocidental. A sabedoria popular chinesa aponta que ser otimista significa ser capaz de aceitar as condições de vida atuais e não esperar que coisas boas possam vir a acontecer. A amostra de Hong Kong foi composta por 404 universitários e a de Pequim por 328 sujeitos. Os resultados mostram que para a amostra de Hong Kong foi encontrada a unidimensionalidade da escala e, para Pequim, foram encontrados dois fatores. Os pesquisadores discutem os dados a partir da perspectiva da diferença entre as duas amostras, mesmo estando no mesmo país, e a importância e necessidade de estudos relacionados às questões culturais.

Zenger et al (2013) estudaram a versão espanhola do LOT-R numa amostra colombiana de 1500 pessoas adultas de diversas regiões do país. Por meio da análise fatorial confirmatória chegaram ao resultado de duas dimensões da escala, sendo o otimismo e pessimismo vistos como variáveis independentes e fracamente relacionadas. Segundo os autores, as divergências entre os dados de diversas pesquisas, sobre a uni ou bidimensionalidade da escala, podem ser explicados pelas características das amostras, em relação a idade e nível educacional.

Essas diferenças dimensionais encontradas em diversos contextos revelam um ponto frágil da teoria do otimismo disposicional. Para que isso possa ser amenizado, é necessária a realização de mais estudos sobre as evidências de validade do teste, com diferentes amostras e em outras culturas, que poderão ampliar as discussões e apontar alternativas para o aprimoramento da medida (Bastianello, 2011; Carver *et al*, 2010).

Sobre esse aspecto, da necessidade de investigações sobre o otimismo em diferentes culturas, já há algumas discussões a respeito. A pesquisa no contexto chinês citada acima (Lai & Yue, 2000) explora essa questão. Outro pesquisador (Khallad, 2010) informa que estudantes canadenses demonstram ter uma visão mais positiva do futuro que estudantes japoneses. Nesse sentido, o autor levanta a necessidade de estudar o otimismo nas sociedades árabes, que comumente são colocados como pertencentes à cultura oriental, mas que pesquisas mais recentes tem indicado que os árabes possuem características que os distinguem dos orientais.

A proposta de Khallad (2010) foi verificar se havia diferença no otimismo entre uma amostra jordaniana (N=260) e uma estadunidense (N=167), composta por estudantes universitários. Os dados revelaram que os níveis de otimismo nas duas amostras não tiveram diferenças estatisticamente significativas, mas as médias dos participantes estadunidenses foram mais elevadas que a dos jordanianos. Outro dado indicou que as

diferenças entre os dois grupos ficaram limitadas a parte negativa do LOT-R, indicando que embora os jordanianos possam ser mais pessimistas do que os estadunidenses, isso não significa que eles sejam menos otimistas. Desta forma, o autor faz uma discussão sobre a visão simplista de que ocidentais seriam mais otimistas que os orientais e que parece ser mais adequado tratar o otimismo e pessimismo como dois construtos independentes. Ainda, sobre os resultados da pesquisa, o autor levanta uma hipótese explicativa para a semelhança de resultados entre as duas amostras, que seria a variável “estudante universitário”. Segundo ele, os estudantes jordanianos estão expostos a ideias e comportamentos ocidentais, o que pode contribuir para uma formação de atitudes e expectativas que não seriam típicas do restante da população.

Mais recentemente, Hutz, Midgett, Pacico, Bastianello e Zanon (2014) estudaram esperança, auto-estima, satisfação com a vida, afetos, otimismo e personalidade em duas amostras de estudantes universitários, uma de brasileiros e outra de americanos. Especificamente sobre o otimismo, os dados indicaram diferenças significativas entre os grupos, sendo os brasileiros mais otimistas. A discussão que os autores fazem sobre esse dado versa sobre as características econômicas e sociais que o Brasil possui no momento, como aumento da renda da população e maior acesso ao mercado de trabalho, que podem explicar a expectativa positiva das pessoas em relação ao seu futuro.

De forma geral, os estudos a respeito do otimismo buscam um melhor entendimento do construto e seu impacto na vida das pessoas, e têm sido realizados nos mais diferentes contextos como, por exemplo, no âmbito da saúde, escolar e esporte, o que tem levado ao aprimoramento dos instrumentos de medida e proposição de intervenções. Os resultados de diversos estudos têm evidenciado alguns aspectos como, consistência entre otimismo e melhor desempenho no trabalho, nos estudos, nos relacionamentos e no enfrentamento de

situações adversas, além de indicar alta correlação positiva entre pessimismo e doenças físicas e mentais (Carver et al, 2010; Bastianello, 2011).

Um aspecto relevante sobre as pesquisas desenvolvidas com o construto otimismo disposicional é apontado por Carver *et al* (2010) e refere-se à questão cultural. A grande maioria dos estudos e muito do que se sabe sobre o otimismo, vem de dados estadunidenses e, a partir disso, algumas generalizações são feitas. Para os autores é importante que essa limitação seja considerada e, além disso, que estudos sejam desenvolvidos em diferentes contextos e com populações diversas. Isso posto, o objetivo da presente investigação foi realizar a análise da estrutura fatorial do LOT-R em uma amostra de adolescentes, estudantes do ensino fundamental e médio.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Participaram da pesquisa 183 alunos de uma escola pública do interior de Minas Gerais, sendo 51,4% alunos do 9º ano do ensino fundamental e 48,6% do 3º ano do ensino médio. A idade variou de 13 a 19 anos (M=15,77; DP=1,74) e 52,5% era do sexo feminino e 47% do sexo masculino (N=1; 0,5% não informou este dado).

### **Instrumento**

O *Revised Life Orientation Test – LOT-R*, é um teste de autorrelato construído para medir o otimismo disposicional descrito por Scheier e cols. (1994). O *LOT-R* (Scheier et al., 1994) é a versão reduzida e revisada do *Life Orientation Test – LOT* (Scheier & Carver, 1985), cujo processo de revisão melhorou as características psicométricas. O teste consiste em 10 itens, sendo três afirmativas sobre otimismo (itens 1, 4 e 10), três sobre pessimismo (itens 3, 7 e 9) e quatro itens distratores (2, 5, 6, 8) cujos escores não são computados. Os sujeitos respondem as afirmativas indicando seu grau de concordância em uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, variando de discordo plenamente até concordo plenamente. O *LOT-*

*R* apresenta boa consistência interna (alfa de *Cronbach* varia de 0,70 a 0,80) e suas correlações teste-reteste são de 0,68 a 0,79 para intervalos de 4 a 28 meses (Scheier et al., 1994). Durante o processo de tradução e adaptação do *LOT-R* para o português brasileiro verificou-se certa dificuldade de entendimento com relação ao item 1, por isso mais uma afirmativa sobre otimismo foi acrescentada ao teste (número 11). Essa versão, com 11 sentenças, foi testada. Análises estatísticas posteriores demonstraram que os itens 1 e 11 possuíam o mesmo valor semântico, porém o item 11 apresentou melhores correlações com os demais itens e com o escore total do teste. Portanto, optou-se pela substituição do item 1 pelo número 11 e o teste ficou com um total de 10 itens como o original (Bastianello, 2011).

#### Procedimento

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 07812612.6.0000.5514), a coleta de dados foi realizada em horário regular de aula, com a participação dos alunos cujos pais autorizaram, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os alunos maiores de idade assinaram o TCLE. O tempo médio para responder o instrumento foi de 10 minutos.

#### Análise dos dados

Para a realização da análise fatorial confirmatória utilizou-se da modelagem de equações estruturais, por meio do programa estatístico AMOS (Arbuckle, 2007). Em relação aos coeficientes considerados, foram utilizados a razão entre o qui-quadrado ( $\chi^2$ ) e os graus de liberdade (*gl*), e os índices de ajuste CFI, GFI, SRMR e RMSEA. O  $\chi^2$  deve ser considerado a partir da sua razão em relação aos graus de liberdade ( $\chi^2/gl$ ), e os valores devem estar entre 2 e 5. O CFI (*Comparative Fit Index*) calcula o ajuste relativo do modelo observado ao compara-lo com o modelo predito, cujos valores acima de 0,90 indicam bom ajuste. Esse mesmo ajuste acima de 0,90 é proposto pelo GFI (*Goodness-of-Fit Index*)

indica a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Por sua vez, o SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*) reporta a média padronizada dos resíduos (discrepâncias entre a matriz observada e modelada), sendo que índices menores que 0,10 são indicativos de bom ajuste. Por fim, o RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*) é também uma medida de discrepância, sendo esperados resultados menores que 0,05, mas aceitáveis até 0,08 (Byrne, 2010; Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009).

## RESULTADOS

Foi utilizada como entrada as matrizes de variâncias-covariâncias, adotando-se o estimador *máxima verossimilhança* (ML). Testou-se a estrutura fatorial do LOT-R considerando-se dois modelos, o primeiro unifatorial com todos os itens saturando em um único fator e o segundo uma estrutura bifatorial, com dois fatores. Os resultados são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1

*Comparação de dois modelos fatoriais do LOT-R*

<i>Modelo fatorial</i>	$\chi^2$ (df)	$\chi^2/df$	GFI	CFI	RMSEA (IC90%)	PCLOSE	SRMR	ECVI	CAIC	$\Delta\chi^2$ (df)
1	33,60 (9)	3,73	0,94	0,84	0,12 (0,08; 0,16)	0,004	0,07	0,318	108,04	-
2	20,69 (8)	2,59	0,96	0,92	0,09 (0,04; 0,14)	0,067	0,05	0,258	101,34	12,91 (1)*

\* $p < 0,001$

De acordo com os dados da Tabela 1, o *modelo 2*, que descreve uma estrutura com os dois componentes, mostrou-se o mais adequado, sendo estatisticamente superior ao *modelo 1* (um fator). Embora ambos os coeficientes de ajuste de bondade (GFI) tenham sido maiores que 0,90, como esperado para um modelo ajustado, a estrutura bifatorial se mostrou ainda mais adequada (GFI=0,96). O CFI maior que 0,90 foi encontrado somente

no modelo bifatorial, além disso, para um RMSEA favorável ele deve ser até 0,05. O PCLOSE não pode ser significativo, o que só é visualizado no modelo 2 e outro índice que também indica a melhor estrutura do modelo 2 é o SRMR que deve ser menor que 0,05.

A figura 1 apresenta a estrutura fatorial da LOT-R bem como as cargas fatoriais dos itens e a correlação entre os fatores otimismo e pessimismo.

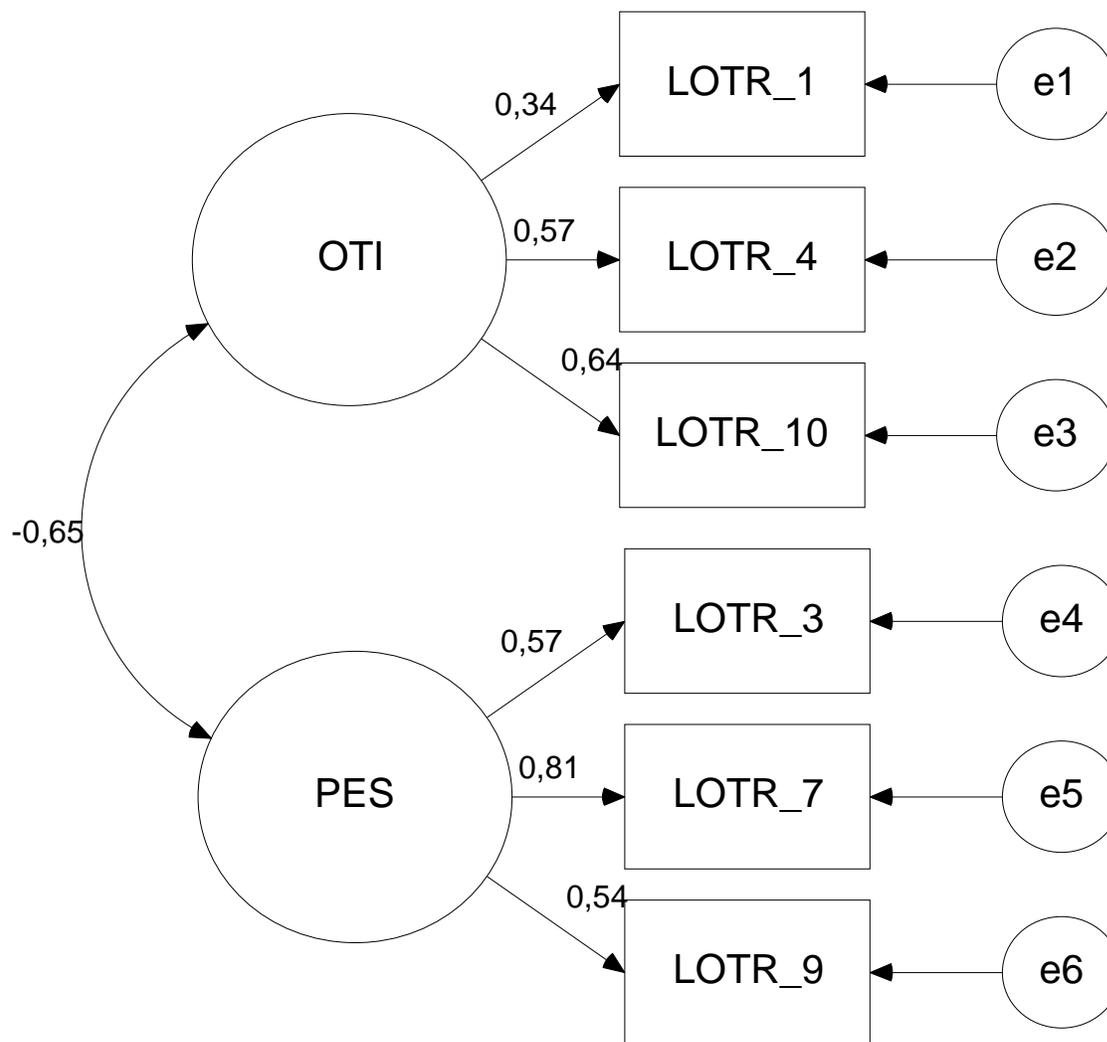


Figura 1. Estrutura Fatorial do LOT-R

Os dados da figura 1 indicam a covariância entre os fatores otimismo e pessimismo, que foi negativa, tal como esperado teoricamente. Os coeficientes de correlação entre os itens variaram entre 0,34 e 0,81.

## **DISCUSSÃO**

A partir da conceituação do otimismo disposicional como uma tendência estável que as pessoas tem para acreditar que coisas boas acontecerão com elas, em vez de coisas ruins, o instrumento LOT-R foi desenvolvido. Diversas pesquisas têm sido realizadas com o instrumento para verificação da sua adequação e utilidade nos mais diversos contextos bem como diferentes populações. A presente investigação teve como objetivo a verificação da estrutura fatorial do LOT-R, e os dados apresentados indicam a existência do modelo bifatorial do instrumento, diferente do postulado pelos autores do instrumento (Scheier et al., 1994) quando o revisaram e chegaram a nova versão. Destaca-se que não há consenso entre os resultados de pesquisas sobre a formatação do LOT-R.

Pesquisas de Ferrando et al (2002), Villarroel et al (2009), Gaspar et al (2009), Ribeiro et al (2012) e Zenger et al (2013) também encontraram a estrutura bidimensional. Os estudos foram realizados em diferentes localidades e com sujeitos de diferentes faixas de idade. Hipóteses para explicar as diferenças nos resultados são levantadas por alguns pesquisadores. Ferrando et al (2002) e Zenger et al (2013) consideram que idade e nível educacional possam ser características que exercem influência nos achados.

No presente estudo a amostra foi composta por adolescentes entre 13 e 19 anos, provenientes de uma escola pública. Dentre as pesquisas apresentadas, apenas a de Gaspar et al (2009) também utilizou crianças e adolescentes (9 aos 16 anos). Houve convergências entre os resultados, visto que os autores encontraram a estrutura bifatorial para o LOT-R. Mas, a explicação dos autores é a de que talvez as crianças não tenham compreendido os itens do instrumento. Os demais estudos, realizados com universitários, não foram

unânicos em seus achados, o que também pode indicar a necessidade de se considerar as características da amostra, pois a compreensão adequada dos itens não é uma questão somente de idade.

Lai e Yue (2000), Khallad (2010) e Hutz et al (2014) exploram a questão das diferenças culturais em seus estudos. Dessa forma, parece ser relevante considerar os aspectos culturais e sociais da amostra pesquisada. Os dados das pesquisas com chineses, canadenses, japoneses, jordanianos e estadunidenses, revelaram diferenças no nível de otimismo que pode estar atrelado a diferentes formas de visão da vida e do mundo. Carver et al (2010) fazem uma crítica em relação aos estudos sobre otimismo, pois consideram que a maior parte das pesquisas foram realizadas com amostras estadunidenses, o que limita as possíveis generalizações.

Conclui-se que ainda são necessários muitos estudos sobre o construto otimismo disposicional, especialmente para o aprimoramento da medida e melhor entendimento teórico. Esses estudos devem considerar o método de coleta utilizado, diversificar as amostras, investigar todas as faixas de idade e, sempre, considerar as características culturais específicas do contexto (Bastianello, 2011; Villarroel et al 2009, Hutz et al, 2014). Sobre o estudo aqui realizado, evidencia-se a sua contribuição por ter utilizado uma amostra de adolescentes, mas tem como limitação o número restrito de participantes.

**REFERÊNCIAS**

- Arbuckle, J. L. (2007). *Amos 16 user's guide*. Chicago: SPSS.
- Bandeira, M., Bekou, V., Lott, K., Teixeira, M., & Rocha, S. (2002). Validação transcultural do Teste de Orientação da Vida (TOV-R). *Estudos de Psicologia*, 7(2), 251-258.
- Bastianello, M. R. (2011). *Adaptação e Validação do Teste para Avaliação de Otimismo LOT-R e suas Relações com Autoestima e Personalidade* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and Programming*. 2ª ed. New York: Taylor & Francis Group.
- Carver, S. C., & Scheier, M. F. (2002). Optimism. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 231-243). New York: Oxford University Press.
- Carver, S.C., Scheier, M.F., & Segerstrom, S. C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, 30, 879-889.
- Ferrando, P. J., Chico, E., & Tous. J. M. (2002). Propiedades psicométricas del test de optimismo Life Orientation Test. *Psicothema*, 14(3), 673-680.
- Gaspar, T., Ribeiro, J. L. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2009). Optimismo em crianças e adolescentes: adaptação e validação do LOT-R. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22 (3), 439-446.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada dos dados*. 6ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Hutz, C. S., Midgett, A., Pacico, J. C., Bastianello, M. R., & Zanon, C. (2014). The relationship of hope, optimism, self-esteem, subjective well-being, and personality in Brazilians and Americans. *Psychology, 5*, 514-522.

Khallad, Y. (2010). Dispositional optimism among American and Jordanian college students: Are Westerners really more upbeat than Easterners?. *International Journal of Psychology, 45* (1), 56-63.

Lai, J.C.L., & Yue, X. (2000). Measuring optimism in Hong Kong and mainland Chinese with the revised Life Orientation Test. *Personality and Individual Differences, 28*, 781-796.

Laranjeira, C. A. (2008). Tradução e validação portuguesa do Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Universitas Psychologica, 7*(2), 469-476.

Monteiro, S. O. M. (2008). *Optimismo e vinculação na transição para o ensino superior: relação com sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento académico*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Portugal.

Ortín, F. J., Fayos, E. J. G., Gosálvez, J., Ortega, E., & Olmedilla, A. (2011). Optimismo y ejecución em el deporte em situaciones adversas. Replicando a Seligman 1990. *Revista de Psicología del Deporte, 20*(2), 491-501.

Peterson, C. (2000). The future of optimism. *American Psychologist, 55*, 44-55

Peterson, C., & Steen, T. A. (2002). Optimistic Explanatory Style. Em C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 244-256). New York: Oxford University Press.

Ribeiro, J. L. P., Pedro, L., & Marques, S. (2012). Dispositional optimism is unidimensional or bidimensional? The Portuguese Revised Life Orientation Test. *The Spanish Journal of Psychology, 15*(3), 1259-1271.

Sanjuán, P., & Magallanes, A. (2006). Estudio del efecto del optimismo disposicional en el bienestar físico y psicológico desde una perspectiva longitudinal. *Acción Psicológica*, 4(1), 47-55.

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implication of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219–247.

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem) – a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063-1078.

Seegerstrom, S. C., Evans, D. E., & Eisenlohr-Moul, T. A. (2011). Optimism and pessimism dimensions in the Life Orientation Test-Revised: Method and meaning. *Journal of Research in Personality* 45, 126–129.

Vautier, S., Raufaste, E., & Cariou, M. (2003). Dimensionality of the Revised Life Orientation Test and the status of the filler items. *International Journal of Psychology*, 38(6), 390-400.

Villarroel, P. B., Rubio, N. C., & Atenas, K. C. (2009). Evaluación del optimismo: un análisis preliminar del *Life Orientation Test* version revisada (LOT-R) en población chilena. *Universitas Psychologica*, 8(1), 61-68.

Zenger, M., Finck, C., Zanon, C., Jimenez, W., Singer, S., & Hinz, A. (2013). Evaluation of the Latin American version of the Life Orientation Test-Revised. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 13, 243–252.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivos avaliar as diferenças entre otimismo disposicional, interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional no que se refere às variáveis série e sexo; verificar a associação entre as medidas de interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo disposicional e a contribuição do otimismo disposicional na percepção da autoeficácia para escolha profissional e na formação dos interesses; analisar a estrutura fatorial do LOT-R.

A tese foi organizada em três estudos, apresentados na mesma ordem que os objetivos elencados acima. O primeiro estudo considerou as variáveis sexo e série escolar para avaliar os interesses profissionais, autoeficácia para escolha profissional e otimismo disposicional. Poucos dados significativos foram encontrados e, deve-se considerar algumas questões como a limitação da amostra, que foi proveniente de uma única escola pública, do interior do estado de Minas Gerais. Mas também deve-se considerar a possibilidade de mudança de perspectivas dos jovens sobre o que pensam das profissões e suas capacidades. Isso suscita a necessidade de que outros estudos sejam realizados, com amostras diversificadas e com a proposta de análise qualitativa das variáveis estudadas, por exemplo.

O segundo estudo objetivou verificar as relações e contribuições do otimismo na formação dos interesses profissionais e autoeficácia para escolha profissional e também da autoeficácia nos interesses profissionais, visto que em âmbito nacional ainda não foram realizados estudos com esse propósito. Os achados corroboram pressupostos teóricos, especialmente a premissa de que as crenças de autoeficácia influenciam a formação dos interesses profissionais, e a de que o otimismo é um preditor da autoeficácia e de interesses. Esses resultados trazem uma importante contribuição para a compreensão do

funcionamento dessas variáveis, ainda pouco exploradas conjuntamente, tal como feito no presente estudo. Mas, ainda ressalta-se a necessidade de ampliação de estudos, pois entender as relações entre otimismo, autoeficácia e interesses pode ser uma importante forma de compreender melhor os indivíduos que participam de processos de OP e incrementar as possibilidades de intervenções.

O último estudo focou-se na análise da estrutura fatorial do instrumento LOT-R, utilizado para avaliação do otimismo disposicional. A inserção do LOT-R na realidade brasileira é bastante recente, o que justifica a necessidade de estudos psicométricos para que ele possa ser adequado para uso profissional. Os resultados apontaram uma estrutura bifatorial, corroborando alguns estudos realizados em contextos culturais distintos. Mas, ainda não há unanimidade nos achados das investigações, o que suscita a necessidade de mais estudos, com a devida atenção para as características da amostra e do contexto em que as pessoas estão inseridas. Evidencia-se que a maioria das pesquisas sobre a estrutura do LOT-R foi realizada com adultos, diferentemente da presente investigação que trabalhou com adolescentes, o que demonstra a relevância desta, e indica a necessidade de outros estudos com esse mesmo propósito, buscando a possibilidade de uso profissional da escala para o público adolescente no contexto brasileiro.

A presente tese apontou a possibilidade de interlocução entre duas grandes áreas da psicologia, quais sejam, Orientação Profissional e Psicologia Positiva. A primeira já consolidada na prática e em suas teorias e, a segunda, recentemente desenvolvida, mas tendo ganhado ênfase em vários contextos. Especificamente, essa investigação trata da testagem psicológica dentro das duas áreas, mas não se detém somente nisso.

A utilização de testes psicológicos ainda se configura como uma prática exclusiva do psicólogo, por isso a necessidade de investigações que possam desenvolver e aprimorar as possibilidades de medida, para que a prática psicológica seja realizada em um nível de

excelência. Mas, somente ter bons instrumentos não garante prática de qualidade. É preciso melhorar a formação profissional em todos os níveis, para que os resultados da testagem possam ser adequadamente utilizados nas intervenções, a partir da relação entre teoria, pesquisa e prática. Acredita-se que essa pesquisa possa contribuir nos dois aspectos, aprimoramento de medidas e incremento de informações que possam ser utilizadas na prática.

Especificamente sobre as práticas em orientação profissional, o momento atual é de propor mudanças na forma como essas intervenções têm sido realizadas, buscando a adequação as reais necessidades dos indivíduos e do mercado de trabalho. A questão da construção do projeto de vida tem ganhado destaque e levanta a importância de se olhar integralmente para as pessoas, considerando todas as suas características, para que elas possam, efetivamente, serem auxiliadas no processo de escolha profissional em todos os momentos da vida.

Sobre as limitações desse estudo, como o baixo número de participantes de um único tipo de escola e localidade, devem ser considerados, mas também é importante ressaltar as características da amostra. Os estudantes participantes estão inseridos num contexto em que não há situação de desemprego, havendo oportunidades de trabalho na indústria, agricultura, comércio e órgãos públicos. A oferta de cursos universitários não está presente na localidade, e sim em cidades vizinhas, mas há apoio governamental para que este estudante consiga estudar, recebendo auxílio para isso. Ainda, esses jovens, em sua maioria, não têm pais com curso universitário. Essas características possibilitam o levantamento de algumas hipóteses para compreensão dos resultados.

A evolução da sociedade de forma geral, incluindo as demarcações cada vez menos presentes do que seria considerado trabalho feminino e masculino, podem ser elementos importantes a serem considerados quando se avalia interesses profissionais e autoeficácia.

Os participantes da pesquisa são bastante jovens, o que também pode contribuir para essa pouca diferenciação sobre seus interesses e crenças de suas capacidades. Em relação ao otimismo, não se pode descartar o contexto social que estes indivíduos estão inseridos, como colocado anteriormente, a realidade vivenciada por estas pessoas parece ser bastante diferente da de boa parte da população brasileira, que ainda enfrenta problemas de ordem econômica. Então, estar num contexto em que há mais certeza da inserção no mercado de trabalho, pode influenciar o nível de otimismo. Mas, fica a contribuição da relação entre os construtos e como esses dados podem ser problematizados para utilização na prática profissional do psicólogo.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Orientação de Vida – LOT-R (Bastianello, 2011)

#### Instruções

Abaixo você encontrará 10 frases. Assinale na escala o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. A escala varia de 1 (Discordo Plenamente) a 5 (Concordo Plenamente). Não há respostas certas ou erradas. O importante é você responder com sinceridade como se sente com relação a cada uma das frases.

**1) Diante de dificuldades, acho que tudo vai dar certo.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**2) Para mim é fácil relaxar.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**3) Se alguma coisa pode dar errado comigo, com certeza vai dar errado.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**4) Eu sou sempre otimista com relação ao meu futuro.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**5) Eu gosto muito dos meus amigos.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**6) Eu considero importante me manter ocupado.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**7) Em geral, eu não espero que as coisas vão dar certo para mim.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**8) Eu não me incomodo com facilidade.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**9) Eu não espero que coisas boas aconteçam comigo.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente

**10) Em geral, eu espero que aconteçam mais coisas boas do que ruins para mim.**

Discordo Plenamente |\_1\_|\_2\_|\_3\_|\_4\_|\_5\_| Concordo Plenamente